



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA



MARIA DO CÉU ABREU DO NASCIMENTO

**UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS PELOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA NA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS, PARAÍBA**

CAJAZEIRAS-PB

2019

MARIA DO CÉU ABREU DO NASCIMENTO

**UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS PELOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA NA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS, PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Unidade Acadêmica de Geografia – UNAGEO do Centro de Formação de Professores – CFP da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como exigência para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa

CAJAZEIRAS-PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB – 15/046
Cajazeiras - Paraíba

N244u Nascimento, Maria do Céu Abreu do.
Utilização dos recursos audiovisuais pelos professores de Geografia na aprendizagem da educação de jovens e adultos em Escolas Públicas do Município de Cajazeiras, Paraíba / Maria do Céu Abreu do Nascimento. - Cajazeiras, 2019.
68f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2019.

1. Recursos audiovisuais. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Metodologia de ensino. 4. Professores de Geografia. I. Pessoa, Rodrigo Bezerra. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.091.3

MARIA DO CÉU ABREU DO NASCIMENTO

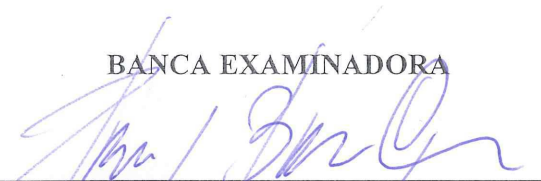
UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS PELOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA NA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS, PARAÍBA

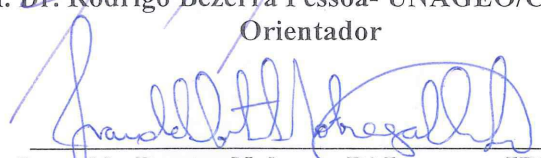
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Unidade Acadêmica de Geografia – UNAGEO do Centro de Formação de Professores – CFP da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como exigência para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.


Data da aprovação: 04 de 12 de 2019

Conceito 8,5

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa- UNAGEO/CFP/UFCG
Orientador


Prof(a). Dr(a). Ivana da Dantas Nobrega Di Lorenzo- UNAGEO/CFP/UFCG
Examinadora 1


Prof(a). Ma. Micaelle Amancio da Silva- IFPB
Examinadora 2

CAJAZEIRAS-PB

2019

Dedico esse trabalho ao Senhor do universo,
DEUS. Sem ele nada seria possível. E a todos os
que amo. Gratidão!!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que mim deu forças e coragem para superar as dificuldades durante esses anos da minha graduação;

Aos meus amados pais Joaquim e Valdiza por me ensinarem a ter coragem, força e resistência na vida, eu os amo;

Aos meus irmãos e irmãs que são exemplos de honestidade, coragem, força e determinação e amor incondicional, obrigado meus queridos;

Aos meus amados filhos Laynara e Laynaslan que me incentivaram, apoiaram e ajudaram sempre incondicionalmente, e paciência em alguns momentos;

Ao meu namorado Fernando pelo apoio, incentivo e ajuda nos momentos que mais precisei, obrigado pela sua presença e paciência;

A Francisca que conheci no início do curso, e tornou-se uma amiga para a vida. Obrigada pelo seu incentivo em momentos difíceis e paciência comigo nos trabalhos;

A Camila, a quem tive o enorme prazer em conhecer, pela sua inocência em alguns momentos, sempre pensando positivo, bons momentos vividos nesses anos da graduação nas aulas e intervalos;

A Fábio pela companhia nas idas e vindas da universidade todas as noites, conversas, confidências e risadas, obrigado pelos incentivos;

A todos os colegas que conheci e que estavam presentes durante todos os momentos com alegria, disposição que fizeram com que as noites no campus fossem especiais;

Ao meu orientador Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa por todo apoio e paciência durante esse projeto importante em minha vida para a conclusão da minha graduação;

A todos os meus professores ao longo da minha graduação, pela ajuda, dedicação e incentivos, obrigada por tudo, vocês são maravilhosos;

A Universidade Federal de Campina Grande, Campus V, Cajazeiras, que tornou esse sonho realidade;

Enfim, a todos que apoiaram, ajudaram e incentivaram direto e indiretamente durante este percurso importante da minha vida. Grata a todos.

"O poder da geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos" Milton Santos.

LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

SMESP - Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Porcentagem de Retenção Mnemónica através dos sentidos.....	28
Quadro 02 - Porcentagem dos Dados Retidos pelos Estudantes.....	28
Quadro 03 - Retenção da Informação.....	28
Quadro 04 - Distribuição dos participantes do estudo quanto à faixa etária.....	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição dos participantes quanto ao gênero.....	44
Figura 2. Distribuição dos participantes quanto ao tempo de atuação na EJA.....	45
Figura 3. Distribuição dos participantes em relação a como veem os recursos audiovisuais na EJA.....	46
Figura 4. Distribuição dos participantes em relação à frequência com qual faz uso dos recursos audiovisuais nas aulas EJA.....	47
Figura 5. Distribuição dos participantes em relação à finalidade para qual utilizam-se dos recursos audiovisuais nas aulas da EJA.....	49
Figura 6. Distribuição dos participantes em relação ao que esperam alcançar quando faz uso dos recursos audiovisuais nas aulas da EJA.....	51
Figura 7. Distribuição dos participantes em relação ao que consideram à respeito do uso dos recursos audiovisuais nas aulas da EJA.....	52
Figura 8. Distribuição dos participantes em relação a se na escola a disponibilidade de recursos e se estes encontram em bom estado de conservação ou não.....	53

RESUMO

O presente estudo aborda o uso dos recursos audiovisuais pelos professores de geografia na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto prática pedagógica em sala de aula, voltada tanto para o ensino quanto para a aprendizagem. O objetivo geral consistiu em analisar a visão dos professores de geografia do município de Cajazeiras que lecionam na EJA no que diz respeito ao uso dos recursos audiovisuais como instrumento didático-pedagógico em favor do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Já os objetivos específicos propuseram: a) compreender as potencialidades dos recursos audiovisuais nas aulas de geografia da EJA como mecanismo fundamental no processo de ensino e aprendizagem; b) descrever como os recursos audiovisuais podem ser usados no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Geografia nesta modalidade de ensino e c) identificar como os professores de geografia que lecionam na EJA tem utilizado os recursos audiovisuais em suas aulas, bem como suas concepções acerca dos benefícios que proporcionam para uma aprendizagem dinâmica e mais efetiva. A metodologia utilizada foi uma revisão de literatura a partir da pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e exploratório com abordagem quanti-qualitativa. Embora o professor tenha consciência da importância do uso destes recursos em sala de aula, ele ainda se depara com os desafios de se associar o conteúdo pedagógico aos instrumentos, o que reforça a ideia de que é preciso uma busca permanente de capacitação do docente para desenvolver habilidades e técnicas necessárias para uma aprendizagem que seja, realmente, significativa com o uso das tecnologias digitais em sala de aula.

Palavras-Chave: Recursos Audiovisuais. Metodologia de Ensino. EJA. Geografia.

ABSTRACT

This study addresses the use of audiovisual resources by geography teachers in the teaching modality of Youth and Adult Education, as a pedagogical practice in the classroom, focused on both teaching and learning. The general objective was to analyze the view of geography teachers of the city of Cajazeiras who teach in Youth and Adult Education regarding the use of audiovisual resources as a didactic-pedagogical tool in favor of the teaching and learning process of students. The specific objectives proposed: a) to understand the potential of audiovisual resources in the geography classes of Youth and Adult Education as a fundamental mechanism in the teaching and learning process; b) describe how audiovisual resources can be used in the teaching and learning process of Geography in Youth and Adult Education; and c) identify how geography teachers who teach in Youth and Adult Education have used audiovisual resources in their classes, as well as their conceptions about the benefits they provide for dynamic and more effective learning. The methodology used was a literature review based on a descriptive and exploratory bibliographic research with a quantitative and qualitative approach. Although the teacher is aware of the importance of using these resources in the classroom, he still faces the challenges of associating the pedagogical content with the instruments, which reinforces the idea that a permanent search for teacher qualification is necessary to develop skills and techniques needed for learning that is truly meaningful with the use of digital technologies in the classroom.

Keywords: Audiovisuals. Lessons Didactics. EJA. Geography.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	15
2.1	A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA.....	15
2.1.1	Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos	15
2.1.2	Métodos e Práticas de Ensino na Educação de Jovens e Adultos	20
2.1.3	O processo metodológico para o ensino da geografia na Educação de Jovens e Adultos	24
2.2	OS BENEFÍCIOS DO USO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS EM SALA DE AULA, COM ENFASE PARA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NA EJA.....	26
2.2.1	Importância de selecionar os recursos audiovisuais que mais se adequem ao objetivo de ensino e aprendizagem	32
2.2.2	O uso dos recursos audiovisuais nas Aulas: limites e possibilidades	33
2.3	O PAPEL E OS CUIDADOS DO PROFESSOR AO USAR OS RECURSOS AUDIOVISUAIS EM SUAS AULAS.....	34
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
3.1	TIPO DA PESQUISA.....	40
3.2	LOCAL DA PESQUISA.....	40
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	40
3.4	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	41
3.4.1	Critérios de Inclusão	41
3.4.2	Critérios de Exclusão	41
3.5	INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	41
3.6	PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	41
3.7	RISCOS E BENEFÍCIOS.....	42
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	43
4.1	DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS.....	43
4.2	DADOS INERENTES AO OBJETO DO ESTUDO.....	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICES	64

1 INTRODUÇÃO

O processo didático-pedagógico e metodológico em sala de aula pela melhor qualidade tem exigido dos professores uma postura mais efetiva, dinâmica na forma de ministrar as aulas que passa pela adoção de metodologias ativas e a inserção de recursos didáticos que sejam capazes de prender a atenção dos alunos para os temas que são mediados. Desta forma, é imprescindível aos professores se utilizarem de práticas dinâmicas, lúdicas e prazerosas com ênfase a despertar nos alunos o gosto pela aprendizagem. Essa dinâmica é ainda mais necessária quando se trata da Educação de Jovens e Adultos – EJA, tendo em vista tratar-se de uma demanda que, por se encontrarem fora da faixa etária para o ensino regular ou por serem adultos que por algum motivo não conseguiram concluir os seus estudos, retomaram esse processo.

Na grande maioria, são pessoas adultas, pais de famílias que trabalham durante o dia, mães que mesmo não trabalhando fora do lar, mas tem uma vida diária corrida em razão dos serviços domésticos e do cuidar da família. Isso significa que essa clientela já chega à aula exaurida pelas tarefas diurnas e, portanto, se, se depararem com processos de aprendizagens complexos, tendo como instrumento apenas o livro didático, as cópias e as escritas do professor no quadro, um modelo tradicional, podendo ser complementado por novos métodos tornando-se mais atrativo.

Inúmeras e significativas são as transformações que vem ocorrendo no contexto do ensino e da aprendizagem, rompendo com práticas tradicionais, com paradigmas, dando espaço para inovações dentre as quais a inserção dos recursos tecnológicos como instrumentos didáticos, o que tem tornado as aulas mais atrativas, mais interativas e mais dinâmicas, principalmente porque os estudantes se encontram envolvidos com estas tecnologias desde a infância, portanto as mudanças nas práticas e na formação dos docentes deve acompanhar a dinâmica do meio técnico-científico-informacional. Frente às transformações que a educação vem vivenciando, os programas e conteúdos da disciplina de geografia também passam por esse processo.

Inegavelmente, dentre estas transformações, o uso dos recursos audiovisuais na sala de aula representa uma oportunidade de tornar as aulas mais interativas, prazerosas, além de proporcionar facilidades no processo de ensino e aprendizagem por está diretamente relacionada há uma forma prática, real e, por esta razão, prende mais a atenção dos alunos, independentemente de qual nível de escolaridade se encontre. No âmbito da disciplina de

geografia torna-se significativamente importante, principalmente quando traz como tema a categoria espaço geográfico, por dar uma dimensão mais ampla de compreensão acerca desta temática, já que as imagens dão uma representatividade efetiva àquilo que almeja abordar. Assim, estes recursos propiciam uma demonstração nítida da realidade vivenciada ou não vivenciada pelos alunos de forma mais impactante e assim dinamizando e aprimorando as aprendizagens. São recursos audiovisuais, além da TV, a internet, mídia digital, mapas físicos ou digitais, fotografias, vídeos, músicas, artes em geral, slides, etc.

Porém, a utilização destes recursos não ocorre apenas inserindo-os no espaço escolar. É necessário também que as escolas disponibilizem toda uma infraestrutura, como computadores, acessibilidade à internet, roteadores, projetores, datashow, aparelhos de som, dentre outros, assim como exige dos professores total interação e domínio sobre estes. O que significa dizer que os professores devem ter a capacidade em lidar, manusear com estes recursos e, ainda, fazer as inserções adequadas, pois caso isso não aconteça o recurso utilizado poderá não ter nenhuma vantagem.

O entendimento de que os recursos audiovisuais são indispensáveis para dar maior qualidade e efetividade no o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Geografia na Educação de Jovens e Adultos, é a razão que serviu de estímulo para a realização deste trabalho com ênfase para a temática em questão.

Diante do exposto, cabe levantar os seguintes questionamentos: será que os professores de geografia que lecionam na Educação de Jovens e Adultos tem se utilizado dos recursos audiovisuais como instrumento didático-pedagógico em suas aulas visando dinamizar e dar mais qualidade a aprendizagem dos alunos? Como os professores de geografia das escolas públicas da rede municipal de ensino da cidade de Cajazeiras vislumbram o uso dos recursos audiovisuais como instrumento didático-pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos?

Visando responder estes questionamentos, traçou-se como objetivo geral do estudo identificar a visão dos professores de geografia do município de Cajazeiras que lecionam na EJA no que diz respeito ao uso dos recursos audiovisuais como instrumento didático-pedagógico em favor do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Já os objetivos específicos vislumbram a) compreender as potencialidades dos recursos audiovisuais nas aulas de Geografia na modalidade EJA como mecanismo fundamental no processo de ensino e aprendizagem; b) descrever como os recursos audiovisuais podem ser usados no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Geografia desta modalidade de ensino e c) identificar como os professores de Geografia que lecionam na EJA tem utilizado os recursos

audiovisuais em suas aulas, bem como suas concepções acerca dos benefícios que proporcionam para uma aprendizagem dinâmica e mais efetiva.

Para alcançar os objetivos propostos a pesquisa traz como procedimentos o bibliográfico e uma pesquisa de campo, de caráter descritivo e exploratório e abordagem quanti-qualitativa.

Em relação à relevância do estudo, no contexto acadêmico aguçar os conhecimentos teóricos que são mediados ao longo do curso através do processo prático, pois teoria e prática, não são dicotomias simples, mas essencial para que o processo de ação-reflexão-ação aconteça, pois as aprendizagens são ciclos vivenciados tanto no campo teórico como nas transformações práticas. No contexto profissional, o estudo poderá propiciar na prática docente um caminho metodológico a ser trilhado, por se tratarem estes recursos audiovisuais de técnicas inovadoras e que muito tem a crescer no processo de ensino e aprendizagem, principalmente quando se consegue criar uma significativa aliança entre o velho e o novo, ou seja, entre métodos tradicionais e métodos construtivistas.

Para compreensão da pesquisa, o mesmo foi organizado sistematicamente, visando assim uma leitura clara e um delineamento sobre os seus contextos ao longo de toda esta construção, tanto bibliográfica, como através do estudo de campo. Assim sendo, o trabalho apresenta na fundamentação teórica com um tópico introdutório que é o ensino de geografia na EJA: os recursos audiovisuais como instrumento didático na aplicação dos conteúdos. Este tópico principal está dividido em três subtópicos, quais sejam: A educação de jovens e adultos – EJA; Concepções sobre o ensino de Geografia na EJA e os benefícios do uso dos recursos audiovisuais em sala de aula, com ênfase para disciplina de geografia na EJA.

Após a fundamentação teórica, encontram-se os procedimentos metodológicos, através do qual se deu todo o delineamento do estudo, de modo a definir como os resultados foram coletados e como estão foram analisados. Seguidamente, encontram-se os resultados e análise dos dados. Por fim, estão as considerações finais, momento em que o autor apresenta as conclusões alcançadas em relação aos objetivos propostos e se as questões problemas levantadas foram ou não respondidas, para logo em seguida dispor as referências que foram utilizadas ao longo do trabalho.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E A INSERÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS

2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta muitas variações ao longo do tempo, demonstrando está estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizam os diferentes momentos históricos do país. Inicialmente, a alfabetização de adultos para os colonizadores, tinha como objetivo instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e a escrever (BRASIL, 2016).

A análise da história da educação brasileira mostra que essa modalidade de ensino não tem tido o devido merecimento e o devido valor por conta dos gestores públicos e que reflete intencionalidade, assim como, da própria legislação de ensino. Nas décadas de 1960 e 1970 a escola apresentava práticas de inclusão precária, partindo de uma metodologia baseada na memorização de conteúdos e na reprodução de conhecimento, promovendo dificuldades na educação de adultos e a alfabetização funcional (FERREIRA, 2016).

As atuais teorias educacionais fundamentam-se nos escritos de Paulo Freire, apontando uma metodologia emancipadora, baseada na conscientização do sujeito como ser que aprende, que transforma, que faz parte da sociedade e que, portanto, não é marginal. Educação é direito e dever de todo o cidadão, o que pode ser entendimento especialmente daquele que não teve a oportunidade de estudar na infância e na adolescência. É imprescindível procurar valer-se de uma prática fundamentada politicamente e coerente para que a educação atinja seu fim máximo: a construção do conhecimento por parte do educando (e por que não do educador também?). Assim, o professor deve desenvolver um trabalho voltado mais para a assimilação de conhecimentos do que para a interpretação e operacionalização dos conceitos, elementos básicos da dinâmica de educação de adultos (SAMPAIO; ALMEIDA, 2014).

2.1.1 Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade específica da Educação Básica que se propõe a atender a um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e/ou adolescência seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis. Pensar a EJA como sendo um Ensino Noturno e voltado para que as pessoas possam ocupar o tempo em que se encontram ociosos é um grande equívoco, pois trata-se de um programa necessário para

atender às demandas que não tiveram oportunidade no tempo certo de participar do ensino regular (HADDAD, 2012).

Por isso, é sensato afirmar que a EJA não se define pelo turno em que é oferecida, e sim, pelas características e especificidades dos sujeitos aos quais ela se destina. Várias iniciativas de educação de adultos em escolas ou outros espaços têm demonstrado a necessidade de ofertar essa modalidade para além do noturno de forma a permitir a inclusão daqueles que só podem estudar durante o dia.

A EJA prescinde a ideia enquanto uma modalidade educativa pautada sobre o discernimento de que seus personagens principais são aqueles em busca de recuperar o tempo perdido como sistema compensatório. A questão é que a EJA vai além dessas prerrogativas, ela vislumbra a amplitude das ideias, dos pensamentos e a amplitude das dimensões tempo / espaço de aprendizagem, onde se estabelecem uma relação dinamizadora entre educadores e educandos inerentes ao entorno social (PAIVA, 2016).

Sendo assim, pode-se apontar que a Educação de Jovens e Adultos é referendada sobre a logística de que ela não traduz tão somente a uma questão etária, eleva-se sobre os olhares das especificidades culturais, sobre um dado cronológico em que jovens e adultos fazem parte de uma parcela da população que precisam fomentar seus conhecimentos para melhor conduzir suas vidas. Conforme frisa Oliveira (2013, p. 1)

O adulto, para a EJA, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal.

O público assistido pelo programa EJA não é homogêneo, mas sim, heterogêneo, assim como são quaisquer outros grupos sociais. As características dos indivíduos nunca serão idênticas, apesar de poder existir semelhanças. Os interesses, as particularidades e as peculiaridades divergem de pessoa para pessoa (GUERRA; SILVA, 2014).

Por isso, não é possível desenvolver uma educação de jovens e adultos sobre um mesmo olhar, sobre uma mesma linha de pensamento e de ações. Ou seja, a EJA deve se inserir no contexto social dos seus educandos, nas expectativas dos mesmos frente a essa modalidade de ensino, principalmente, por se tratar de jovens e adultos que estão buscando

um caminho para engajar suas capacidades e suas habilidades. Significa dizer que mesmo estes educandos se encontrando em condições desfavoráveis em termos de aprendizagens, não pode a EJA ignorar esta situação, mas compreender que lida com seres pensantes, letrados, detentores de experiências de vida, a partir das quais os conteúdos devem ser trabalhados, cujo sentido é, exatamente, descobrir esses conhecimentos prévios, essas experiências para, somente a partir deste contexto, poder se inserir na prática de ensino e aprendizagem propriamente dita (GADOTTI; ROMÃO, 2011).

Quando o aluno da EJA é percebido em suas particularidades e peculiaridades torna-se mais fácil para o professor identificar os melhores instrumentos a serem introduzidos em sala de aula para ministrar os conteúdos programáticos. Essa percepção é fundamental para que se possa conhecer as necessidades de aprendizagens dos alunos e como estes conseguem apreender o que se media com maior facilidade (MELLO, 2010).

Esses respaldos só vêm a fortalecer a premissa de que a presença do uso de recursos audiovisuais nas aulas da EJA tende a favorecer a aprendizagem dos seus alunos por possuírem um olhar diferenciado sobre esse processo, exigindo com isso aulas dinâmicas, interativas, capazes de despertar o efetivo interesse dos alunos, pois, caso as aulas não tragam essa dinamicidade poderá não “prender” a atenção do público e, conseqüentemente, culminará com a sua desistência em frequentar a escola (BRENNAND; ALBUQUERQUE, 2011).

A focalização das políticas públicas no Ensino Fundamental obrigatório conveniente à relação apropriada idade/ano ampliou o espectro de crianças presentes neste nível de ensino obrigatório. Hoje, é notável a expansão desta etapa do ensino e há um quantitativo de vagas cada vez mais crescente a fim de fazer jus ao princípio da obrigatoriedade face às crianças em idade escolar. Entretanto, as condições sociais adversas presentes, as sequelas de um passado e presente ainda mais perverso se associam a inadequados fatores administrativos de planejamento e dimensões qualitativas internas à escolarização e, nesta medida, condicionam muitos alunos que os levam a acessar a EJA.

A média nacional de permanência na escola, para a etapa obrigatória (oito anos) fica entre quatro e seis anos. E os oito anos obrigatórios acabam por se converter em 11 anos, estendendo a duração do Ensino Fundamental quando os alunos já deveriam estar cursando o Ensino Médio. Expressão desta realidade é a repetência, a reprovação e a evasão escolar mantendo e aprofundando a distorção idade/ano e retardando a chegada a um acerto definitivo no fluxo escolar. Embora abrigue 36 milhões de crianças no ensino fundamental, o quadro sócio educacional continua a produzir excluídos dos ensinos fundamental e médio produzindo adolescentes, jovens e adultos sem escolaridade obrigatória completa.

Ao mesmo tempo, não se pode negar que, nos últimos anos, os sistemas de ensino desenvolveram esforços no afã de propiciar um atendimento mais aberto a adolescentes e jovens tanto no que se refere ao acesso à escolaridade obrigatória quanto em iniciativas de caráter preventivo a fim de diminuir a distorção idade/ano. Como exemplo tem-se os ciclos de formação e as classes de aceleração.

Almeida (2015) afirma, com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, (1999), que o Brasil exibe um número enorme de pessoas analfabetas (13,3%) com idade de 15 ou mais anos de idade. Apesar do recuo anual e das marcantes diferenças regionais e setoriais, a existência de pessoas que não sabem ler ou escrever por falta de condições de acesso ao processo de escolarização deve ser motivo de autocrítica de modo constante e severo.

Nesta ordem de raciocínio, a EJA representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem o domínio da escrita e da leitura como bens sociais, na escola ou fora dela e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

Um adulto que não possui saberes para leitura e escrita não é uma pessoa desinformada, sem instrução, sem compreensão de mundo por conta da sua condição, da falta de escolaridade. Mesmo não fazendo uso da escrita e da leitura, uma pessoa analfabeta é capaz de ditar uma carta para ser escrita; é capaz de ir ao supermercado e comprar alguma mercadoria; é capaz de entender símbolos, etc. Esses fatores a torna uma pessoa letrada, pois é capaz de se envolver em práticas sociais (SOARES, 2010).

Esta observação faz lembrar que, apesar da ausência da escolarização, isto não pode e nem deve significar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou "vacionado" para tarefas e funções "desqualificadas", em qualquer setor da econômica, seja no setor público ou privado. Muitos destes adultos de todas as regiões do país desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionero regional, os registros de memória da cultura afro-brasileira e indígena.

De todo o modo, para analfabetos e para iletrados, o que está em causa é a função reparadora de Educação de Jovens e Adultos que, no limite, significa a restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade. A incorporação dos códigos relativos à leitura e à escrita por parte dos alfabetizados e letrados, tornando-os quase que "naturais", e o caráter comum da linguagem oral, impede a consideração do acesso a estes bens como um

meio e instrumento de poder. Só quem se vê privado deles pode aquilatar a falta que eles fazem e as conseqüências materiais e simbólicas advindas da negação deste direito fundamental. O término de uma determinada discriminação não é uma tarefa exclusiva da educação escolar.

Esta e outras formas de discriminação não têm o seu nascedouro na escola. A educação escolar, ainda que imprescindível, participa dos sistemas sociais, mas ela não é o todo destes sistemas. Daí que a busca de uma sociedade mais igual e justa continue a ser um alvo a ser atingido em países como o Brasil. Contudo, dentro de seus limites, a educação escolar possibilita um espaço democrático de conhecimento e de postura tendente a assinalar um projeto de sociedade menos desigual.

Questionar, por si só, a virtude igualitária da educação escolar não é desconhecer o seu potencial. Ela pode auxiliar na eliminação das discriminações e, nesta medida, abrir espaço para outras modalidades mais amplas de liberdade. De outro lado, a universalização do ensino fundamental, até por sua história, abre caminho para que mais cidadãos possam se apropriar de conhecimentos avançados tão necessários para a consolidação de pessoas mais solidárias e de países mais autônomos e democráticos. Tanto a crítica à formação hierárquica da sociedade brasileira, quanto à inclusão do conjunto dos brasileiros que são vítimas de uma exclusão histórica estão por se completar em nosso país. A barreira posta pela falta de alcance à leitura e à escrita prejudica sobremaneira a qualidade de vida de jovens, adultos, inclusive idosos, exatamente no momento em que o acesso ao saber e aos meios de obtê-lo representa uma divisão cada vez mais significativa entre as pessoas.

Nos próximos anos mais e mais saberes, aliados a competências tornar-se-ão indispensáveis para a vida cidadã e para o mundo do trabalho. E esta é uma das funções da escola democrática que, assentada no princípio da igualdade e da liberdade, é um serviço público. Por ser um serviço público, por ser direito de todos e dever do Estado, é obrigação deste interferir no campo das desigualdades e, com maior razão no caso brasileiro, no terreno das hierarquias sociais, através de políticas públicas.

Junto com esta função reparadora, a EJA responde também ao pleito postulado por inúmeras pessoas que não tiveram uma adequada correlação idade/ano em seu itinerário escolar e nem a possibilidade de prosseguimento de estudos. A reentrada no sistema escolar dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de

participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes "novos" alunos, demandantes de uma nova oportunidade de equalização.

2.1.2 Métodos e Práticas de Ensino na Educação de Jovens e Adultos

Os métodos de ensino é a categoria mais dinâmica do processo de ensino e aprendizagem, já que é determinado por objetivos que mudam em função do dinamismo da realidade sociocultural em que o processo está inserido. Além disso, os métodos de ensino trabalharam com conteúdos que, pelos mesmos motivos, também sofrem permanente revisão. O método ainda depende dos meios de ensino disponíveis em seu contexto educativo e, principalmente, das características gerais da clientela a que se dirige (número de alunos, sua idade, seu nível de desenvolvimento prévio, o estrato sociocultural ao qual pertence, o gênero, dentre outros). Para Oliveira (2013, p. 61):

Currículos, programas, métodos de ensino foram originalmente concebidos para crianças e adolescentes que percorreriam o caminho da escolaridade de forma regular. Assim, a organização da escola como instituição supõe que o desconhecimento de determinados conteúdos esteja atrelado a uma determinada etapa de desenvolvimento.

Considerando tudo isso, os métodos de ensino, por mais que alguns deles tenham obtido êxito comprovado em algumas situações, não podem ser nunca encarados como respostas definitivas para os mais sérios problemas educacionais, como modelos estandardizados de longo alcance. Há que se ter muito cuidado com as generalizações em um campo que sofre a influência de tantas e tão complexas variáveis.

A procura pela Educação de Jovens e Adultos tem crescido significativamente. Trata-se de pessoas que buscam nessa modalidade de ensino recuperar o que foi perdido, em termos de alfabetização, quando não foi possível no período e na idade certa. Para muitos é a busca para concluir os estudos, pelo menos o básico. Já para outra parcela é a busca pela aprendizagem mínima da escrita e da leitura. Desta forma, essa procura por um ensino em tempo reduzido tem chamado à atenção de adultos, mas também de jovens, por se tratar de um caminho alternativo de estudar num curto espaço de tempo, ou ainda, uma forma de tentar reaver o tempo de estudo que se perdeu, ficou para trás por algum motivo (SOARES et al., 2015).

Neste sentido, a EJA precisa estar direcionado para o desenvolvimento de competências e habilidades de suas demandas, permitindo que possam evocar o potencial não

descoberto ou “adormecido” no âmbito extraescolar e também na vida pessoal. Por tal razão, o ensino da EJA deve contemplar em seus conteúdos e temáticas que são levadas para sala de aula as vivências e experiências dos seus alunos, de modo dinâmico e intenso. Contudo, é importante saber como este ensino, mas especificamente o ensino de geografia – objeto deste estudo -, tem sido trabalhado em sala de aula pelos professores. Saber como os alunos são envolvidos nos assuntos e se estes tem conseguido atender as perspectivas do alunado são alguns dos pressupostos que devem ser levados em consideração para obter uma análise mais consistente desses processos.

Segundo Antunes (2012), não é viável e não traz resultados satisfatórios quando se aplicam muitos conteúdos que não estejam relacionados com a realidade do público. De nada adiantaria a carga de saberes que não foram adquiridos por meio das experiências de vida. Nesta modalidade de ensino, EJA, o público já possui saberes comuns, populares e, por isso, é fundamental que as aulas possam trabalhar partindo destes saberes, relacionando-os aos conteúdos que serão ministrados. No caso da categoria espaço geográfico, o modo de vida, a localização espacial da cidade, da casa, da escola, enfim, tudo o que se relaciona ao espaço pode ser trabalhado tomando-se por exemplos situações concretas, do dia a dia do aluno.

Ainda segundo Antunes (2012, p. 11):

Os saberes construídos não podem representar cargas de saberes, pois dentre esta carga, muitos conhecimentos poderiam representar apenas um amontoado de informações inúteis, sem qualquer valor pessoal e/ou profissionalmente. Por isso que os conteúdos ministrados precisam representar importantes conhecimentos a partir dos quais serão transformados em saberes e, estes por sua vez, servem como embasamento para a construção de novos conhecimentos e fortalecimento da formação pessoal e profissional de si e das gerações futuras.

Sob estas perspectivas, fica clara quão importante é quando a aprendizagem é construída a partir do cotidiano e das vivências dos alunos, sem que seja necessário ainda a adoção de extensos conteúdos, mas que possam vir da realidade por estes vividas. Reforça Antunes (2012) que “quanto mais diretos, breves, direcionados e enxugados forem os conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula com as demandas adultas, melhor e mais essenciais serão para a apreensão dos mesmos” (p. 12).

Assim, é tarefa que assiste ao professor de geografia na EJA fazer uso de uma corrente de pensamento geográfico que melhor se adeque a realidade dos seus alunos. A escolha e a aceitação por uma vertente facilitadora, dinâmica e objetiva é indispensável ao professor. Com isso, a escolha da metodologia de ensino, assim como os instrumentos didático-

pedagógicos é condição imperativa ao processo de ensino e aprendizagem, seja em qualquer modalidade, sendo ainda mais necessária na EJA, por duas razões. A primeira por se tratar de alunos adultos, que mesmo não tendo estudos, mas tem vivências. Já a segunda deve-se ao fato de que no cenário atual as tecnologias estão ao alcance de todos e, no caso dos audiovisuais, como a TV, por exemplo, poucos não desfrutam dela.

O exemplo da televisão é para reforçar a ideia concreta de que as pessoas estão mais voltadas para esse recurso e com ele consegue obter aprendizagens pela facilidade de memorização e assimilação. Desta feita, entende-se que não seria diferente com outros recursos audiovisuais, como é o caso do Datashow, da internet, o uso dos vídeos em sala de aula (BORGES NETO, 2014).

Dessa forma, se utilizar de metodologias atualizadas, inovadoras, construtivas de ensino é condição inerente ao professor da EJA para que possa ter uma aula proveitosa, com isso rompendo com pragmatismo, paradigmas estritamente tradicionais e conservadores. Se inovar é avançar no tempo quando se está aquém dele, ou seja, é está no tempo atual. Assim, ao inovar sua metodologia de ensino com o uso de recursos tecnológicos o professor estará se inserindo no tempo moderno e com isso, sua prática será atrativa, chamará a atenção do aluno para a realidade a qual o assiste.

A inserção de novas tecnologias no ensino permitirá que o aluno se prenda mais aos conteúdos ministrados já que terão mais atenção nas aulas. Além do que também estará incentivando-o a se familiarizar com estes recursos os quais também serão essenciais para a sua vida pessoal e profissional, onde passarão a fazer uso destas tecnologias a favor do seu aprimoramento e apreensão de novos conhecimentos. O que marca a mudança de mentalidade, no processo de ensino de Geografia, é como se dão a construção e a reconstrução do conhecimento nessa área.

O ensino de Geografia mostra que não basta dominar o conhecimento geográfico para o professor desempenhar seu papel em sala da aula. Ao escolher os conceitos e categorias de análise geográfica a serem colocados como objeto de ensino e pesquisa nas diferentes séries de EJA, é preciso que o professor tenha clareza de como ensinar e para que ensinar Geografia, tendo competência para agir com eficácia pedagógica, facilitando o processo de ensino aprendizagem de cada aluno, respeitando as diferenças sociais, culturais e políticas (FONSECA et al., 2017).

A competência do professor se completa com conhecimentos produzidos na área da psicologia do ensino e aprendizagem; de história da educação; de história do pensamento geográfico e suas contradições; de linguagens e métodos a serem utilizados em sala de aula.

É fundamental que, no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de EJA, se valorize o conhecimento já apropriado por eles, considerando as relações que estabelecem sobre os diferentes lugares conhecidos por meio de experiências vivenciadas em seu cotidiano e das informações que os alunos recebem por diferentes meios de comunicação e de sistemas informacionais.

A partir de problematizações elaboradas para que se reflita sobre a realidade, fazendo o recorte de um espaço geográfico selecionado como objeto de estudo, por ações múltiplas, possibilitando que individualmente, gradativamente e dialogando sobre os conhecimentos que obtiveram de modo informal com os saberes geográficos já adquiridos na escola, esses alunos possam estabelecer relações entre o cotidiano e os diferentes espaços geográficos e suas diferentes escalas: o local, regional, nacional e internacional.

Esses conhecimentos que os alunos de EJA já detêm irão contribuir na análise, na ampliação, na sistematização e na síntese de conteúdos que torna possível construir e reconstruir os conhecimentos de Geografia usados para fazer uma leitura e reflexão sobre o lugar em que vivem, a relacionar e a comparar o espaço local, o espaço brasileiro e o espaço mundial, ajustando a escola com as demandas sociais atuais. Ao fazer uma leitura geográfica da realidade em que vivem, devem ser consideradas as diferentes ações sociais e culturais, sua dinâmica social e espacial, os impactos naturais que transformam o mundo e as marcas que identificam os diferentes lugares.

É importante, nesse processo, que os professores conduzam os alunos para a construção e reconstrução de noções e de conceitos pertinentes à Geografia tais como: o lugar, a região, o território, escala geográfica, paisagem, mobilidade socioespacial (MACHADO; MATOS, 2014).

Os conceitos podem ser construídos na Geografia por meio de algum tipo de conhecimento oriundo da experiência pessoal, do senso comum, da cultura de especialistas ou da pesquisa sobre tecnologia e ciência. Considera-se que a construção e a reconstrução dos conhecimentos geográficos ocorrem processualmente. Os significados das noções e dos conceitos considerados relevantes nesse documento são algumas reflexões sobre como se processa o repensar da ciência geográfica em diferentes universidades, nos congressos, em diferentes encontros de professores. Essas discussões devem ocorrer também nas diversas escolas do país para que coletivamente, num processo dinâmico se reorganize o projeto escolar de ensino/aprendizagem de Geografia (FURINI et al., 2011).

2.1.3 O processo metodológico para o ensino da geografia na Educação de Jovens e Adultos

O ponto de partida para se pensar uma metodologia de ensino adequada à EJA é compreender as especificidades dos jovens e adultos em relação a situações de aprendizado. Furini, Duran e Santos (2011) salientam dois aspectos de destaque nessa condição: 1) por já terem desenvolvido capacidade de refletir sobre seus próprios processos de aprendizagem, comumente as habilidades e dificuldades dos adultos são muito diferentes das dificuldades das crianças e mesmo dos jovens; 2) a inteligência do adulto se expressa de forma mais focada, especializada, referida a domínios específicos, os quais são relacionados a procedimentos e necessidades práticas.

Neste sentido, segundo Bezerra et al., (2011), a organização das atividades desenvolvidas na EJA deve possibilitar o desenvolvimento da capacidade de reflexão e análise, de articulação do pensamento verbal, de planejamento e tomada de decisão, da transcendência das condições de objetividade vivenciadas.

Guerra e Silva (2014) sugerem que no percurso de superação de práticas autoritárias e vazias de sentido para os sujeitos da EJA emerge a perspectiva da Aprendizagem Dialógica – esta perspectiva, segundo as autoras, foi elaborada por Ramón Flecha em conjunto com o Centro de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona. Esta abordagem propõe conceber as pessoas como sujeitos constitutivos do diálogo e atuantes no contexto social, e por isso capazes de transformá-lo; no cerne está a ideia de ação dialógica como fundamento para a ação pedagógica que se pretenda democrática e libertadora, contribuição de Paulo Freire.

Ainda neste sentido, com o intuito de compreender os processos de ensino e aprendizagem de jovens e adultos da EJA é preciso compreender seu processo de construção do conhecimento (FURINI, DURAN e SANTOS, 2011). As autoras salientam que mesmo que pareça óbvio, esta não é uma tarefa simples, pois envolve um olhar de pesquisador e perguntador que não se conforma com modelos pré-definidos de fazer educação e ser professor.

Isto porque exige do educador disponibilidade em ouvir e partilhar saberes e lembrar que tanto a juventude quanto à idade adulta devem ser consideradas ciclos culturalmente organizados de passagens dos sujeitos pela existência humana. Ou seja, diferentes atividades exigem diferentes aprendizagens, diferentes ciclos de vida, exigem diferentes atividades mediadoras da relação homem-mundo, diferentes diálogos – diálogo correspondendo a uma

postura ética. É fundamental, o reconhecimento de que os tempos e formas de aprendizagem do jovem e adulto são diferentes dos das crianças e adolescentes, tanto pela conformação psíquica e cognitiva como pelo tipo de inserção e responsabilidade social.

Significa reconhecer que os adultos, em função do já-vivido, têm modelos de mundo, estratégias de compreensão de fatos e de avaliação de valores densamente constituídos, de forma que toda nova incorporação conduz a compreensões mais amplas e, eventualmente, difíceis de realizarem. Disso decorrem que os conteúdos escolares da EJA, considerando aquilo que estabelecem as diretrizes curriculares nacionais, devem ser reorganizados em função do lugar social, político e histórico em que as pessoas se encontram (SMESP, 2010).

Nessa direção, a educação de adultos não pode ser pensada como recuperação de algo não aprendido no momento adequado e, tampouco, deve seguir os critérios e referenciais da educação regular de crianças e adolescentes. O adulto não volta para a escola para aprender o que deveria ter aprendido quando criança. Para além do legítimo desejo de reconhecimento social, ele busca a escola para aprender conhecimentos importantes no momento atual de sua vida (CUNHA; CARVALHO, 2010).

Nesse sentido, como salienta a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP, 2010) a Geografia tem muito a contribuir para a formação dos alunos ao fornecer um conjunto de saberes capaz de lhes servir como instrumental teórico de interpretação do mundo para melhor apreendê-lo e nele atuar. E, mais, pelo seu caráter interdisciplinar, por fazer uso de saberes das mais diversas áreas do conhecimento, como economia, sociologia, agronomia etc., ela serve, na escola, para apresentar um conjunto vasto de elementos significativos da cultura que permite ao aluno obter uma visão menos fragmentada da realidade, compreender como o espaço é produzido pela sociedade e nele atuar de modo consciente e crítico (SMESP, 2010).

Dado que a EJA trabalha basicamente com os trabalhadores da sociedade, que em geral não compartilham das condições mais privilegiadas do ponto de vista financeiro da sociedade, de maneira generalista, o docente de Geografia, ao invés de somente se preocupar em preparar indivíduos voltados para construir uma nação desenvolvida, tem a possibilidade de, através de suas ferramentas de análise da realidade, problematizar as condições dos trabalhadores e os propósitos do desenvolvimento dessa nação: para quem, como e por que (LAFFIN, 2012).

Para Albring (2016) a diferenciação no estudo da Geografia da EJA, não está apenas no conteúdo, mas na clareza dos objetivos e importância de seu estudo. A diferença está na dialogicidade que deve existir nas aulas, visto que os educandos possuem uma bagagem

cultural valiosíssima e que enriquece as aulas, proporcionando construção e não o repasse do conhecimento.

Dessa forma, o que se torna necessário é aliar a vida dos educandos aos conteúdos, assim como interligar os conteúdos uns aos outros, já que o educando possui um conhecimento informal rico e sente-se valorizado e motivado quando percebe que pode contribuir e participar do processo ensino-aprendizagem, não como mero espectador, mas como um agente formador e transformador do conhecimento.

O ensino da Geografia na EJA surge, portanto, como uma possibilidade de instigar o pensamento político e atuante dos educandos, uma vez que as análises geográficas se pautam em analisar e compreender os diversos processos e dinâmicas espaciais. Assim como defende Paulo Freire ao longo de sua vida intelectual, de ser contrária a prática de dominação, do homem desligado do mundo, da negação do mundo como realidade, e que propõe reflexão sobre os homens em suas relações com o mundo. Levar o aluno a reflexão crítica acerca de tudo o que o cerca é uma das premissas delegadas ao ensino de Geografia em qualquer modalidade de ensino. Significa dizer que estes aspectos motivacionais precisam estar bem corroborativos ao que se vivencia, isto é, não pode haver um distanciamento entre o que se está a mediar e a realidade do aluno.

2.2 OS BENEFÍCIOS DO USO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS EM SALA DE AULA, COM ÊNFASE PARA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NA EJA

Inúmeras transformações ocorreram no mundo com o advento da revolução tecnológica a qual exige dos indivíduos se inserir e se adequarem a estes avanços responsáveis por promoverem uma gama significativa de processos de comunicação, informação e interação, através de imagens, sons, recursos audiovisuais entre outros, alterando com isso a forma como as diversas áreas do conhecimento se comportam. Todos estes avanços foram fundamentais para aguçar o processo de ensino e aprendizagem e aperfeiçoar a prática pedagógica, não importando qual área seja, qual conteúdo a ser ministrado.

No caso da disciplina de Geografia, estes recursos foram de grande valia, uma vez que a parte física e humana que a compõem foi bem mais acompanhada, em face do fortalecimento em virtude do acesso amplo que os indivíduos têm no cenário atual. Esse acesso às novas tecnologias, as redes computacionais, a televisão e outros mecanismos de informação e comunicação, afetam o modo de vida das pessoas, alterando, sobretudo, o modo

como estas se comportam perante a sociedade da qual fazem parte, principalmente pelo envolvimento efetivo que estas também se inserem com a geografia cultural.

Claval (2011, p. 12), acerca da geografia cultural, enfatiza que esta:

Tem como função fundamental analisar os mecanismos comunicacionais que conduzem a transmissão da cultura. Esta área traz em evidencia os momentos da formação do indivíduo via cultura, e, com isso, enfoca o papel exercido pela reprodução cultural. Enfoca ainda, de que maneira as identidades individuais e coletivas são construídas a partir desta reprodução. Nesse cenário, criar uma dimensão normativa sob a égide do existencialismo individual e coletivo é uma condição fundamental (CLAVAL, 2011, p. 12).

A cultura representa as formas pelas quais os homens interagem com o meio natural e como se relacionam enquanto sujeitos de uma sociedade que tem os seus costumes, as suas crenças, os seus valores e que, mesmo não sendo uniforme e homogênea entre as sociedades, mantém um alcance próximo com outras formas de culturas, fato este possibilitado pela evolução tecnológica dos meios de comunicação e informação, dentre os quais os recursos audiovisuais tem se propagado estas diversidades culturais para que sejam conhecidas em toda parte do planeta.

Neste contexto, sabendo-se que a geografia está inserida no processo de ensino e aprendizagem e que visa descrever, discutir, analisar, refletir, compreender os espaços geográficos e tudo o que nele está constituído, fazendo com que as pessoas apreendam conhecimentos sobre culturas, sobre modos de vida, sobre os territórios, sobre as regiões, enfim, terem uma visão do mundo de uma maneira diferenciada, sem que seja necessário o deslocamento *in loco*, nada melhor do que utilizar os recursos audiovisuais para promover essa aproximação. Portanto, o uso destes recursos em sala de aula favorece a aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos de geografia (e também das demais áreas do conhecimento) de uma maneira mais lúdica, dinâmica e proveitosa e em tempo real.

Ao introduzir a linguagem audiovisual na sala de aula para mediar os conteúdos, o professor estará explorando e estimulando a percepção, a audição, a assimilação e a compreensão do aluno sobre os determinados temas de uma maneira diferenciada, dinâmica e, com isso, o aproveitamento da aprendizagem por parte do aluno se torna mais efetiva. Os mecanismos audiovisuais são importantes instrumentos que auxiliam o professor na sua prática pedagógica, assim como serve para facilitar aos alunos compreenderem e assimilarem de uma maneira mais concreta os conteúdos ministrados em sala de aula, fortalecendo com isso o aguçamento dos conhecimentos. “Assim, os professores não podem ignorar a

necessidade de introduzir em suas aulas os recursos audiovisuais disponíveis com a intenção de despertar nos alunos “a curiosidade para buscar dados, trocar informações, ativar-lhes o desejo de enriquecer seu diálogo” (ALMEIDA e ALMEIDA, 2015).

Na concepção de Ferrés (2011) a visão é responsável por 83% da apreensão dos conteúdos e de informações pelos alunos. Concernente a memorização, o ver e o escutar representam 50%, sendo que o escutar apenas corresponde a 20%. Outro dado importante a esse respeito aponta que o método de ensino quando oral e visual, simultaneamente, possibilitam ao aluno manter 85% das informações recebidas após 3 horas e 65% após 3 dias. Caso o método seja apenas via oral, estes números decrescem, respectivamente, para 70% e 10%.

Quadro 01 - Porcentagem de Retenção Mnemónica através dos sentidos

Como se aprende	Através do gosto	Através do tato	Através do olfato	Através da visão	Através da audição
	1,0%	1,5%	3,5%	83,0%	11,0%

Fonte: FERREIRA (2015)

Visão e audição representam os sentidos através do qual a aprendizagem acontece com maior veemência em relação aos demais sentidos. Sendo que, a visão é a via de maior entrada dos conhecimentos.

Quadro 02 - Porcentagem dos Dados Retidos pelos Estudantes

Forma de Retenção do que:	Leem	Estudam	Veem	Veem e escutam	Dizem e escutam	Dizem e logo realizam
	10%	20%	30%	50%	70%	90%

Fonte: FERREIRA (2015)

Concernente à forma de retenção, as utilizadas simultaneamente se destacam, a saber: ver e escutar, dizer e escutar e dizer e logo realizar.

Quadro 03 - Retenção da Informação

MÉTODO DE ENSINO	DADOS RETIDOS DEPOIS DE 3 HORAS	DADOS RETIDOS DEPOIS DE 3 DIAS
Somente oral	70%	10%
Somente visual	72%	20%
Oral e visual simultaneamente	85%	65%

Fonte: FERREIRA (2015).

Pelo que se observa no quadro 03, o aluno fixa melhor o que aprende quando tem a oportunidade de ouvir e visualizar ao mesmo tempo. Daí a importância do professor inserir nas suas explicações orais a visualização do que se está a mediar. A utilização dos recursos

audiovisuais perpassa o viés de entretenimento, podendo também ser utilizado como uma ferramenta de aproximação do professor para com o aluno, além da perspectiva investigativa, de pesquisa e de assimilação. Conforme Moran (2010) todas as formas que propiciem alcançar o aluno em seu processo de aprendizagem “constitui o educar. Contudo, os caminhos para esse alcance são os mais variados possíveis, podendo citar, pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia” (p.88).

Como já citado anteriormente há muito mérito em se usar os recursos audiovisuais no processo de ensino e aprendizagem na educação básica e, não seria diferente na Educação de Jovens e Adultos. No caso dos instrumentos visuais, para Ferrés (2016, p. 21)

A imagem contribui para o favorecimento dos aspectos emocionais e, quando se consegue atingir as emoções dos alunos com aquilo que está sendo ministrado em sala de aula, conseqüentemente, estará envolvendo-o com os assuntos trabalhos e, com isso, promovendo significativas aprendizagens, haja vista que as emoções representam um importante componente para as interações afetivas e do ensino.

Os aspectos emocionais estão presentes no desenvolvimento do ser humano desde a infância e vai até o final da vida. Sabendo-se disso e de que estas favorecem o envolvimento do aluno com o que é aplicado em sala de aula, não se pode negar a importância dos recursos que trazem enfoques que mexam com os sentimentos das pessoas. Portanto, fica claro que a aula deve atender ao sensorial, ao afetivo do aluno, antecedendo as discussões em torno de determinadas ideias, dos conceitos, das teorias.

Isso significa que o professor deve deixar primar pelo concreto para em seguida figurar o abstrato; assim como deve iniciar pelo imediato para depois dispor do mediato; da ação para em seguida propor a reflexão e, por fim, da produção para logo após buscar a teorização. Esse pressuposto dicotômico é de grande importância e pode ser alcançado quando se utiliza recursos visuais em sala de aula (MORAN, 2010).

A disposição do educador é possível encontrar inúmeros instrumentos didáticos que, não precisam sobrepor aos tradicionais como é o caso do livro didático, muito pelo contrário, se somaram para dar maior qualidade ao ensino e a aprendizagem dos alunos em sala de aula e até mesmo fora dela. As variadas formas de linguagens como é o caso do vídeo, das imagens, dos documentários, das produções cineastas, das músicas, enfim, tantas outras, só tendem a enriquecer ainda mais a forma como os professores ministram as suas aulas e a forma como os alunos se envolvem e aprendem.

Assim, o professor, enquanto agente de formação e transformação e regente da educação, que transforma e lapida os homens para que possam se tornar seres críticos, reflexivos e conscientes do seu papel no desenvolvimento social, cultural e humano, precisa ficar atento as inovações que acontecem a cada dia, a cada momento, mantendo-se atento e atualizado, entendendo quais as exigências de momento, principalmente no que diz respeito a escola, pois compreender a finalidade dos recursos didática e como estes funcionam e, ainda, como estes devem ser inseridos nas aulas para trabalhar os conteúdos, é imprescindível ao professor e a nenhum é dado o direito de se esquivar desta realidade que não permite retrocessos, pois caso isso ocorra, o processo terá falhado e fracassará. Por estes aspectos, a escolha do material didático e dos recursos que serão utilizados para exposição das temáticas deve apresentar linguagem clara. Para Szarazgat (2014, p. 3),

[...] neste cenário cabe ao professor saber a melhor maneira de utilizar esse recurso como uma abordagem diferente e mais atrativa para os alunos na apropriação dos conhecimentos científicos no ensino de geografia. O professor não deve ficar apenas focado no livro de didático como uma única fonte do conhecimento, mas sim apenas uma das muitas ferramentas que possam ser trabalhadas no ensino de geografia.

Utilizar os recursos audiovisuais em sala de aula não é algo novo e tem sido bem aceito pelos professores e alunos em qualquer nível ou modalidade de ensino. Assim, nas aulas de geografia estes recursos têm se tornando ferramentas de crescimento didático-pedagógico e metodológico e tem sido efetivos para as aprendizagens. No caso da Educação de Jovens e Adultos, cabe, então ao professor fazer o planejamento necessário para utilização destes recursos diante da apresentação e explanação dos conteúdos curriculares. Não tratar-se, portanto, de usar os recursos apenas por usar. É preciso dar sentido, ter um fundamento, um objetivo, pois caso contrário acabará se tornando apenas um entretenimento. Tanto os professores como os alunos precisam ter a dimensão clara de quais os objetivos estão traçados ao se utilizar estes recursos nas aulas.

O estudo da geografia vislumbra do aluno que este possa refletir, compreender, perceber, observar, interpretar e agir, sobre tudo o que está ligado a esta área do conhecimento e, quando isso ocorrer, dever-se-á organizar as ideias, criando uma consciência da importância que o homem exerce sobre o espaço o qual faz parte enquanto integrante dele. Para Moran (2010, p. 102)

É preciso então que a escola não se distancie da sua função social para com a sociedade construa em seus alunos o sentimento de pertencimento daquele espaço e possibilite cada dia mais a inclusão de novos recursos e

metodologias de ensino capazes de promover nos alunos um pensamento reflexivo. A utilização de vídeo não se limita ao professor como forma de dinamizar ou ilustrar melhor suas aulas, ele se estende aos próprios alunos que, a partir do acesso esse recurso trazido pelo professor desperta o interesse e podem passar a utilizá-los como mais um elemento na produção de trabalhos, comunicação com seus grupos e a sociedade.

As tecnologias que se encontram à disposição da educação, como é o caso dos computadores, celulares, tablets e internet, inclusive fazendo parte do cotidiano das pessoas, não existindo uma faixa etária definida, estão cada vez mais invadindo a prática docente, pois, são cada vez mais comuns os relatos de professores que fazem uso, metodologicamente, dos mais variados tipos de recursos potencializadores do processo de ensino e aprendizagem. Contudo, ao utilizar-se de recursos audiovisuais os professores precisam estabelecer objetivos claros, concisos, assim como uma metodologia que esteja adequadamente alinhada aos conteúdos programáticos, para que não desperte nos alunos apenas o entendimento de que estes são apenas ilustrativos à fala do professor, sendo que, o objetivo primordial é criar um elo aluno-conhecimento.

Neste contexto, o que se espera é promover a mediação dos alunos com as tecnologias para que possam abstrair sentidos sobre aquilo que está sendo explanado em sala de aula. Porém, deve-se entender que não se trata apenas de condicionar os conteúdos escolares, mas de possibilitar aos alunos que construam seus próprios significados para que sejam capazes de agir, de transformar, de construir valores sociais indispensáveis ao processo de formação.

Assim sendo, a inserção do vídeo, sobre diferentes perspectivas na aplicabilidade de temáticas diversas e que fazem parte das relações sociais só tendem a reforçar a ideia de que para a escola é salutar o estímulo ao uso de recursos didáticos que fortaleçam o crescente desenvolvimento da formação emancipatória de seus alunos.

Os meios audiovisuais são importantes no âmbito escolar (principalmente na disciplina de geografia, a qual trabalha com o espaço) porque conseguem demonstrar a realidade vivenciada ou não pelos alunos de uma maneira mais impactante, fazendo com que a aprendizagem se torne dinâmica e aprimorada. Esses recursos são compostos por: internet, mídia digital, mapas físicos ou digitais, fotografias, vídeos, músicas, artes em geral, slides, etc.

2.2.1 Importância de selecionar os recursos audiovisuais que mais se adequem ao objetivo de ensino e aprendizagem

Como já citado, inúmeros são os recursos didáticos a serem utilizados em sala de aula. Por esta razão, é de suma importância que os professores façam o melhor proveito destes em sua prática docente. Contudo, a escolha do recurso mais adequado é um momento fundamental para o professor, pois as situações, o objeto do planejamento, o que se pretende e, ainda o que será abordado, são etapas a serem levadas em consideração, uma vez que, caso não haja essa cautela, acaba-se priorizando um tipo de recursos em detrimento a outros que poderiam se adequar melhor a situação de momento.

De acordo com Fantin (2007, p. 2)

Por mais que hoje o computador, a Internet e a rede sejam importantes e até mesmo considerados condição de inserção e participação social, a mídia-educação não se limita a eles. Isto é, outras tecnologias de informação mais antigas ainda podem ser muito úteis na prática pedagógica diferenciada, como por exemplo, um pequeno aparelho de som que permite a reprodução de áudios originais de personalidades históricas, ou a execução de uma música cuja letra esteja relacionada com o conteúdo da aula.

Por esta razão, a clareza da finalidade em torno da atividade que será executada em sala de aula é preciso vir em primeiro momento, antecedendo a escolha do recurso que fará uso, como aponta Ferrés (2012, p. 37) ao descrever que “a seleção do meio que melhor se adequa para consecução de objetivos prévios e bem definidos, de modo que se estabeleça a real condição para que ocorra uma aprendizagem satisfatória é o caminho a ser seguido pelo professor”.

Essa constância existente no surgimento de novas ferramentas tecnológicas culmina com as novas perspectivas de mudanças na execução de tarefas diárias, o que inclui a escola e, mais especificamente, o professor e o aluno. Com isso, novos desafios são colocados à prova ao exigir do professor a sua familiaridade com o recurso para que possa manuseá-lo adequadamente e colocá-lo como um recurso pedagógico em sala de aula.

Contudo, a frenética e célere velocidade como as inovações tecnológicas acontecem exigem dos professores uma maior cautela na escolha destes, ou seja, saber fazer a seleção daqueles recursos audiovisuais que sejam melhores para os fins que se propõe dar e os fins que busca-se alcançar, não podendo deixar de lado os recursos de outrora que ainda sejam de grande valia e contribuem satisfatoriamente para uma aula plena e proveitosa. Por esta razão, é fundamental ter em mente que deve-se fazer uso dos recursos tecnológicos de maneira integrada, tendo em vista que, cada recursos possui suas potencialidades e apresentam formas distintas na maneira de ver, perceber, refletir e aprender (MORAN, 2010).

Portanto, é preciso tirar proveito dos recursos básicos, ainda que outros surjam, já que os recursos devem-se somar uns aos outros para dar maiores possibilidades de escolha e não tornar as aulas uma mesmice a usar sempre um mesmo recurso. Saber tecer essa variação é permitir ao aluno novas formas de aprendizagens, sem repetições ou limitações.

2.2.2 O uso dos recursos audiovisuais nas Aulas: limites e possibilidades

É possível perceber uma enorme resistência por parte dos professores em relação ao uso dos recursos audiovisuais, sobre várias justificativas, dentre as quais que não ajudam no processo; não trazem benefícios e deixam os alunos dispersos; o livro é o mais viável; já estou perto de me aposentar e não vou me preocupar com isso; os alunos irão pensar que o professor está enrolando a aula, dentre outros. Estas são percepções por parte de alguns professores. A esse respeito, Moran, Masetto e Behrens, (2010, p. 6) corroboram com estes pensamentos ao enfatizarem que “vídeo para o aluno significa descanso e não aula”.

No caso do aluno considerar o vídeo como um descanso, os autores ainda enfatizam que, nestes casos, cabe ao professor tirar proveito desta situação fazendo com que o aluno se engaje na aula, se envolva, fazendo-o interagir e se posicionar, trazendo-o para participar da aula, propondo um relaxamento, a observação e a discussão em torno dessa ideia de descanso. Isso significa que, quando o trabalho pedagógico do professor com o uso do recurso escolhido é discutido e quando se discute o que está sendo aplicado a partir dos recursos, abrem-se as muitas possibilidades de efetiva participação do aluno. A partir daí os recursos deixam de serem instrumentos sem sentido e a aula permanecerá sendo um momento de aprendizagem, só que agora é também um momento lúdico.

Por outro lado, caso não haja essa interação, caso os objetivos do uso dos recursos não sejam bem planejados e não estejam bem claros para os alunos, não haverá um motivo plausível e justificável e que convença aos alunos a importância de se está fazendo uso de tal recurso. Portanto, quando se associa aprendizagem e lazer estará abrindo possibilidades para que o aluno participe e se interesse pelo que está sendo trabalho de uma maneira menos burocrática, menos intensa e sem imposições, mais agradável.

A disponibilidade das tecnologias audiovisuais no âmbito escolar enriquecem as aulas e as tornam mais dinâmicas, rompendo assim com a monotonia, com um roteiro pronto e acabado. Estas tecnologias devem abrir possibilidades para a maneira como os conteúdos deverão ser ministrados, por isso, mecanismos como os projetores de imagens e fotos, a reprodução de filmes, documentários, a internet, vídeo-aulas, músicas, jogos interativos pelo

computador, acesso a blogs, jornais, matérias, reportagens *on line*, devem ser inseridos na prática docente.

De acordo com Moran (2012), os recursos audiovisuais precisam ser introduzidos em sala de aula sobre diversas perspectivas. Dentre estas, pode-se citar para sensibilizar o aluno ao introduzir um novo tema, aguçando sua curiosidade e maximizando o seu interesse em aprender o que está sendo mediado; para que os alunos se tornem capazes de ilustrar o que foi mediado; para a aplicação do conteúdo de ensino que perpassa a forma expositiva no quadro ou de outras formas mais inovadoras como no caso de usar essas tecnologias para que o aluno produza seu próprio material para apresentar um trabalho, por exemplo, ou até mesmo para ser avaliado.

Os professores podem aproveitar os recursos audiovisuais para trabalhar diversos conteúdos de praticamente todas as disciplinas. No caso da geografia para entender como funciona o sistema solar, para visualizar os movimentos das placas tectônicas, para entender os fenômenos da natureza como os vulcões, os tornados, as tempestades, as tsunamis; para entender as divisões regionais, políticas e econômicas; para compreender a diversidade cultural; as formas de vidas humanas e animais; enfim, trabalhar um vídeo que representa determinada época histórica, ou mostrar uma representação de uma experiência científica impossível de ser reproduzida no ambiente escolar.

Dessa forma, utilizando os recursos audiovisuais estará contribuindo para que os alunos ampliem sua visão de mundo, indo além da realidade a qual está inserido, ou seja, do seu entorno. Qualquer vídeo ou material audiovisual traz o seu caráter educativo a partir do momento em que se busca fazer uso do mesmo para despertar curiosidades, desenvolver conhecimentos e aguçar competências e habilidades; incitar e iniciar um diálogo, uma discussão e reflexão acerca de um assunto.

2.3 O PAPEL E OS CUIDADOS DO PROFESSOR AO USAR OS RECURSOS AUDIOVISUAIS EM SUAS AULAS

De acordo com Selbach (2010) não há tempo a se perder para se produzir conhecimentos já que este acontece de uma maneira muito célere e sua propagação se dá de forma ágil em virtude dos mecanismos de informação e comunicação, advindos com a globalização, a qual impõe aos indivíduos demandas inovadoras para a condução de suas vidas. Diante deste processo, a escola também deve se inserir nesse modelo.

Ainda mais que antes, o professor deve aperfeiçoar suas ferramentas de trabalho e principalmente, buscando se estabelecer diante da celeridade com a qual tudo vem acontecendo, compreendendo esses processos para evitar surpresas e imprevistos. Para que isso seja possível, necessário se faz tecer aprendizagens continuadas e ininterruptas, ou seja, construir sua autonomia para renovar, construir e reconstruir conhecimentos e também práticas metodológicas.

Ao lecionar na EJA o professor precisa ampliar os seus conhecimentos para além dos livros didáticos, isto é, deve procurar compreender como ocorre a formação dos indivíduos, tecendo olhares para as suas condutas, individualidades, particularidades e peculiaridades. É perpassar conhecimentos que porventura se apresentem prontos e acabados, para abrir espaços para novas percepções do mundo e de tudo o que está ao seu redor.

Assim como afirma a autora supra, fica claro que é preciso o professor se capacitar e adaptar ao novo modelo de ensino, devendo utilizar as tecnologias para chamar atenção do aluno, de modo que, estes instrumentos favoreçam efetivamente a aprendizagem. Desse modo, é preciso que o professor sempre esteja habilitado para essas mudanças no mundo em que vivemos, e ensinar os conteúdos aos alunos de forma que eles possam estar preparados para o mundo (SELBACH, 2010).

Não é uma tarefa fácil, porém não é impossível. E também não adianta querer utilizar um recurso tecnológico se não sabe manipular esse instrumento de trabalho. Um exemplo, é envolver alunos de uma turma em rede sociais para incentivar círculos virtuais de trabalho, mas para que isso ocorra e dê certo é preciso que o professor tenha um conhecimento sobre o recurso utilizado e possa facilitar o ensino nesse meio. Não obstante, o uso dos recursos audiovisuais requer também estes conhecimentos prévios, inclusive para que aconteça a escolha do recurso adequado a ser utilizado em sala de aulas com ênfase para determinados conteúdos (SAVIANI, 2010).

A satisfação e a eficiência dos recursos audiovisuais são condições inerentes ao uso destes em sala de aula, por isso, para que o professor as alcance é necessário, a princípio, ter em mente as suas possibilidades e os seus limites de uso. O professor deve se sentir apto, confortável e confiante ao manusear estes recursos em suas aulas. Não se trata de se tornar um gênio em tecnologia ou dominar todos os tipos de recursos disponíveis. Basta que se tenha conhecimento básico de suas funcionalidades e conhecimento pedagógico para introduzir metodologicamente. Conhecer os programas à disposição e se é viável sua utilização, como editores de texto, imagens, reprodutor de sons e imagens, projeções de músicas e vídeo, são situações básicas que o professor precisa deter.

Assim, caso o professor detenha esse conhecimento básico, certamente se encontrará apto para trabalhar com os recursos tecnológicos, no caso do estudo, os audiovisuais em suas aulas. Não é necessário que o professor seja um inventor, criar páginas da web, blogs, criar programas. Basta saber fazer uso dos que já existem. Evidentemente que, se o professor tem todo este domínio só enriquecerá ainda mais seu conhecimento e a forma como irá usar tais recursos. Hoje, os alunos, desde a educação infantil, já dominam boa parte dos recursos tecnológicos, como os celulares, os computadores, sabem navegar na web, nas redes sociais, interagir, jogar, enfim, tem uma grande facilidade de manusear estas tecnologias, portanto, nesse universo cibernético, tecnológico, cabe ao professor auxiliar, orientar os seus alunos em relação a fazer uso destas ferramentas de forma responsável.

Sabe-se que, no caso das internet, as redes sociais trazem alguns fatores negativos quando não se usa de maneira coerente. Outro problema é a gama de informações, onde muitas destas apresentam os chamados *fake news* e, por isso, o professor deve ser um orientador para os alunos, no sentido de evitar que caiam em golpes que são aplicados pelas redes sociais. Para que o professor possa ser esse orientador é fundamental que ele possa ter conhecimento sobre a funcionalidade destas ferramentas. O professor precisa orientar o aluno a separar os conteúdos importantes daqueles dispensáveis, auxiliá-lo na análise da veracidade das informações e ajudá-lo a identificar quando um conteúdo está sendo manipulado, por exemplo. No âmbito da sala de aula, no momento em que o aluno estiver desenvolvendo um determinado trabalho fazendo uso dos recursos tecnológicos, cabe ao professor ajudá-lo a priorizar os pontos mais importantes que precisam ficar em evidência e serem melhores explorados, quais informações podem ser suprimidas da apresentação visual, por exemplo, qual a sequência lógica que o aluno deve seguir e como trabalhar em grupo.

Da mesma forma, o professor deve buscar orientações, quando não as detiver, em relação a inserir os recursos audiovisuais em suas aulas. É preciso selecionar as ferramentas corretas, os vídeos a serem exibidos precisam ser chegados previamente. O professor precisa saber o que está levando para sala de aula, o que irá expor através do audiovisual para que não seja pego de surpresa, seja por não ter conhecimento do material ou pelo material conter conteúdos que seriam impróprios a sala de aula.

Mesmo os recursos audiovisuais, como a televisão, o computador, a Internet e até mesmo os jogos eletrônicos permitindo que os alunos aprendam os conteúdos, não dispensará o papel do professor auxiliando a assimilação e compreensão destes conteúdos. Muitas vezes os conteúdos não são bem compreendidos, as informações não são claras. Nestes momentos, o professor precisa fazer essa mediação, a lapidação do que foi visto através do vídeo, das

imagens, de uma música, de uma dramatização, etc. O papel do professor agora deve ser muito mais de mediador de conhecimentos do que o de detentor das informações.

Os recursos audiovisuais representam a priori o concreto, o visível, o imediato, o próximo, para em seguida representar o abstrato, o imaginário, o mediato, o todo. São sensoriais, visuais, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Estas linguagens agem de maneira interativa, integradas, se somam e não se separam. Por isso exerce uma importância fundamental na aprendizagem. Somos atingidos em todos os sentidos e maneiras, pois propicia sedução, informação, entretenimento, projeções em realidades imaginárias, em outras dimensões, tempos e espaços.

Não há uma dimensão definida, única para o uso dos meios audiovisuais. Sua exploração de dá em variadas formas: compactadas (doses pequenas), em mosaico (sínteses rápidas de cada temática), dentre muitas outras formas de exploração. Conforme Moran (2015), em sala de aula é possível fazer uso dos recursos audiovisuais das seguintes formas:

Audiovisual como motivação – Um recurso audiovisual pode servir para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundarem o assunto do recurso audiovisual e da temática;

Audiovisual como ilustração – O recurso audiovisual muitas vezes ajuda a mostrar a temática abordada, a compor cenários desconhecidos dos alunos. Por exemplo, um documentário que exemplifique como viviam os romanos na época de Júlio Cesar, ajuda a situar os alunos no tempo histórico. Em Geografia um documentário sobre a vida selvagem em África, por exemplo, traz para a sala de aula realidades que se distanciam da maioria dos alunos;

Audiovisual como simulação – O recurso audiovisual pode simular experiências de química que seriam perigosas num laboratório de uma escola, ou que exigiria muito tempo e recursos. Um documentário pode mostrar o crescimento acelerado de uma planta da semente até à maturidade em poucos segundos;

Audiovisual como contexto de ensino – O audiovisual pode mostrar determinado assunto, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares;

Audiovisual como produção – Como documentação, registo de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos. Isto facilita o trabalho do professor e dos alunos. Além disso, podem ser os próprios alunos a produzirem o vídeo sobre

a temática abordada. Normalmente os alunos adoram construir um vídeo e a produção de um vídeo tem uma dimensão lúdica. Lúdica, pela miniaturização da câmara, que permite brincar com a realidade, levar a câmara para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada temática, ou dentro de um trabalho interdisciplinar.

Audiovisual integrando o processo de avaliação – Dos alunos, do professor, do processo;

Audiovisual “espelho” – Vemo-nos no ecrã e isso possibilita compreender-nos, descobrir o nosso corpo, os nossos gestos, os nossos tiques.

É evidente que a reprodução do recurso audiovisual exige que o professor faça uso de maneira adequada, isto é, não pode esperar que este aconteça por si só. Por isso, Moran (2015, p. 32), identifica algumas destas formas de exploração dos recursos audiovisuais:

Análise em conjunto – O professor exhibe as cenas mais importantes e explora junto com os alunos, com base no que estes destacam ou perguntam. É uma conversa sobre o audiovisual, com o professor como moderador. O professor não deve ser o primeiro a dar a sua opinião, principalmente em temáticas controversas, nem monopolizar a discussão, mas tampouco deve ficar em cima do muro. Deve posicionar-se, depois dos alunos, trabalhando sempre dois planos: o ideal e o real;

Análise globalizante – Abordar os alunos depois da exibição, a respeito destas quatro questões: 1 aspectos positivos do audiovisual. 2 aspectos negativos. 3 ideias principais; 4 o que os alunos mudariam no recurso audiovisual. O professor e os alunos destacam as coincidências e as divergências com o professor a fazer a síntese final;

Leitura concentrada – Escolher, depois da exibição do audiovisual, uma ou duas cenas marcantes. Revê-las as vezes necessárias e perguntar (oralmente ou por escrito): O que chama mais a atenção (imagem/som/palavra)? O que dizem as cenas (significados)? Quais as suas consequências e aplicações?;

Análise funcional – Antes da exibição, escolher algumas funções ou tarefas (desenvolvidas por vários alunos): o narrador de cenas (descrição sumária, pôr um ou mais alunos): anotar as palavras-chave; anotar as imagens mais significativas; caracterização das personagens; musica e efeitos; mudanças acontecidas no audiovisual (do começo até o final). Depois da exibição, cada aluno fala e o resultado é divulgado. Com base nos resultados, o professor completa com os alunos as informações, relaciona os dados e questiona as soluções apresentadas;

Análise da linguagem – 1 que história é contada (reconstrução da história). 2 como é contada essa história (o que lhe chamou a atenção visualmente; o que destacaria nos diálogos e na música). 3 que ideias passa claramente o programa (o que diz claramente esta história; o que conta, e representam os personagens; modelo de sociedade apresentado). 4 ideologias do programa (mensagens não questionadas – pressupostos ou hipóteses aceitas de antemão, sem discussão; valores afirmados e negados pelo programa – como são apresentados a justiça, o trabalho, o mundo; como cada participante julga esses valores – concordâncias e discordâncias nos sistemas de valores envolvidos. A partir de onde cada um de nós julga a história;

Para que o professor tenha um retorno positivo dos alunos, a utilização dos recursos audiovisuais precisa ser planejada e os objetivos a serem alcançados precisam estar bem definidos, pois do contrário o uso dos recursos audiovisuais ficará limitado a somente passar informações sem que os alunos consigam fazer a conexão com o conteúdo da aula. É importante ressaltar que não se pode pensar no uso de uma tecnologia sozinha ou isolada, seja na educação presencial ou na virtual. Requer um planejamento para que as várias atividades integrem-se em busca de objetivos determinados e que as técnicas sejam escolhidas, planejadas para que a aprendizagem aconteça. (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 13).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DA PESQUISA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de natureza aplicada, com abordagem quali-quantitativa e com objetivos exploratórios. Na pesquisa de campo o pesquisador assume o posto de observador e explorador, coletando diretamente as informações no local (campo) em que se deram ou sugeriram os fatos. A pesquisa de campo se caracteriza pelo contato direto com o acontecimento de estudo a partir do emprego de métodos como observações, entrevistas e questionários (BARROS; LEHFELD, 2007).

A natureza é de caráter aplicado, caracterizando-se por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados imediatamente na solução do problema que ocorre na realidade (MARCONI; LAKATOS, 2008).

O estudo teve uma abordagem quali-quantitativa, pois a interação da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular (GOLDENBERG, 2004).

E exploratória, pois vai levantar informações sobre determinado elemento, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse elemento (SEVERINO, 2007).

3.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em quatro escolas que fazem parte da rede de ensino da cidade de Cajazeiras, a qual fica localizada no interior do sertão paraibano. Nestas escolas há a contemplação da Educação de Jovens e Adultos, um dos objetos do estudo e ocorreu no mês de outubro do ano de 2019. As escolas foram: EEEFM Dom Moisés Coelho e EEEIF Desembargador Bôto, ambas pertencentes a rede estadual e EMEIF Costa e Silva e EMEIF Cecília Estolano Meireles, pertencentes a rede municipal de ensino.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostra foi composta por cinco professores de geografia que atuam na Educação de Jovens e Adultos de cinco escolas da rede municipal de ensino da cidade de Cajazeiras-PB, levando ainda em consideração os critérios de inclusão e exclusão.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

3.4.1 Critérios de Inclusão

Considerou-se critério de inclusão no presente estudo, ser professor de geografia na Educação de Jovens e Adultos. Quanto às escolas, as que contemplam essa modalidade de ensino. Outro fator de inclusão foi a aceitação por parte dos sujeitos que compõem a amostra em participar do estudo, bem como o alvar da gestão escolar para que o pesquisador possa adentrar ao espaço escolar e efetuar a coleta dos dados.

3.4.2 Critérios de Exclusão

Como critérios de exclusão foram considerados os professores não lecionarem a disciplina de geografia e os que lecionam a disciplina, mas que não seja na EJA. Também foram excluídas as informações incompletas, ou seja, os sujeitos que não completarem o questionário ou não o entregar na data prevista. Outro fator de exclusão foi a não aceitação por parte dos professores e da gestão escolar para que a pesquisa ocorra naquele espaço e com estes profissionais.

3.5 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados utilizou-se um questionário semiestruturado. O questionário semiestruturado teve por objetivo obter informações sobre o perfil sócio-demográfico dos sujeitos da pesquisa e questões objetivas acerca da temática do estudo, que possibilitem analisar a visão dos professores de geografia que lecionam na EJA em relação ao uso dos recursos audiovisuais em suas aulas; a importância destes no processo de ensino e aprendizagem; as facilidades e dificuldades enfrentadas para manusear tal recurso, bem como os benefícios que podem ser proporcionados pelos recursos audiovisuais na dinâmica das aulas e na condução efetiva do processo de ensino e aprendizagem, dentre outras.

3.6 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados quantitativos, foi utilizado análises estatísticas, como distribuições de frequência, correlações e/ou representações gráficas. Já no caso dos dados

qualitativos, foi feita uma análise de conteúdo que vai servir de base para uma análise qualitativa das questões abertas em questionário.

Esta análise busca compreender o significado dos dados coletados e também tem o objetivo de facilitar o entendimento dos conteúdos através de alguma classificação apresentada de forma sistematizada, que pode ser a divisão em categorias ou pela contagem de palavras e termos contidos nas respostas.

3.7 RISCOS E BENEFÍCIOS

A pesquisa ofereceu risco mínimo ao voluntário, pois se trata de aplicação de questionários em busca de informações sobre o objeto de estudo, podendo ocorrer constrangimento, e o mesmo pode afastar-se a qualquer momento se assim desejar, não havendo qualquer penalização ou prejuízo, estando assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas, não causando nenhum dano físico. Tendo como benefício à ampliação do conhecimento sobre o objeto do estudo, ajudando na escolha de estratégias e metodologias de ensino a partir da inserção de recursos audiovisuais nas aulas de geografia da EJA.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os resultados e discussão estão dispostos em dois momentos distintos. No primeiro momento os dados sociodemográficos dos participantes e no segundo os dados concernentes ao objeto do estudo

4.1 DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

A investigação foi realizada em cinco escolas pertencentes a rede estadual e municipal de ensino do município de Cajazeiras-PB junto a cinco professores que lecionam na Educação de Jovens e Adultos nestas instituições de ensino. Assim, o primeiro item dos dados sociodemográficos foi a faixa etária, aonde constatou que todos estão na faixa etária compreendida entre os 30 e 60 anos, distribuídos conforme o quadro abaixo:

Quadro 4. Distribuição dos participantes do estudo quanto à faixa etária

Faixas etárias dos participantes	33 anos	39 anos	40 anos	46 anos	55 anos
Quantitativo por participante	01	01	01	01	01

Fonte: Pesquisa do autor, 2019.

Conforme o quadro acima, pode-se observar que os professores que lecionam na EJA já são todos adultos, já que estão acima dos 30 anos de idade. Isso revela uma importância salutar para o ensino nesta modalidade, tendo em vista que se trata de pessoas com experiências de vida e, portanto, fazem desse fator um instrumento valioso para a prática docente, especialmente porque irão lidar com pessoas que, na sua maioria, também são adultas e possuem vivências que poderão ser compartilhadas em sala de aula.

A EJA é uma modalidade de ensino que lida com um público adulto e que tem como premissas o trabalho voltado para a construção de novos saberes e enriquecimentos dos saberes já construídos ao longo dos anos. Por esta razão e tomando-se por base que os conteúdos ministrados em sala de aula tem como pressupostos essa dinâmica e interação dos alunos com o real, com o concreto, a aprendizagem poderá ocorrer de maneira satisfatória e com sucesso, inclusive, em relação ao ensino de geografia e a utilização dos recursos audiovisuais, sendo que estes recursos tem como objetivo prender a atenção dos alunos e fazer com que a aula não se torne cansativa, mas pelo contrário, lúdica e prazerosa, pois as demandas veem, muitas vezes de uma árdua jornada diária, seja no trabalho, seja no lar e por isso as aulas não podem ser monótonas e invariáveis.

Ao professor, evidentemente, não é suficiente ter uma idade adulta, mas também ter uma maturidade em relação à prática docente, aos recursos que serão selecionados e a forma como estes devem ser utilizados no âmbito da sala de aula. Dai vem e enorme preocupação, muitas vezes, com professores já maduros pelo fato de que muitos acabam sendo resistentes às mudanças e muitos não têm familiaridade com essa era tecnológica, não sabendo como lidar com estes novos instrumentos e, quando essas situações acontecem as aulas continuam sendo ministrada apenas com a utilização de recursos conservadores.

No que diz respeito ao gênero, os participantes do estudo estão distribuídos da seguinte forma: 04 (quatro) são do gênero feminino e apenas 01 (um) do masculino.

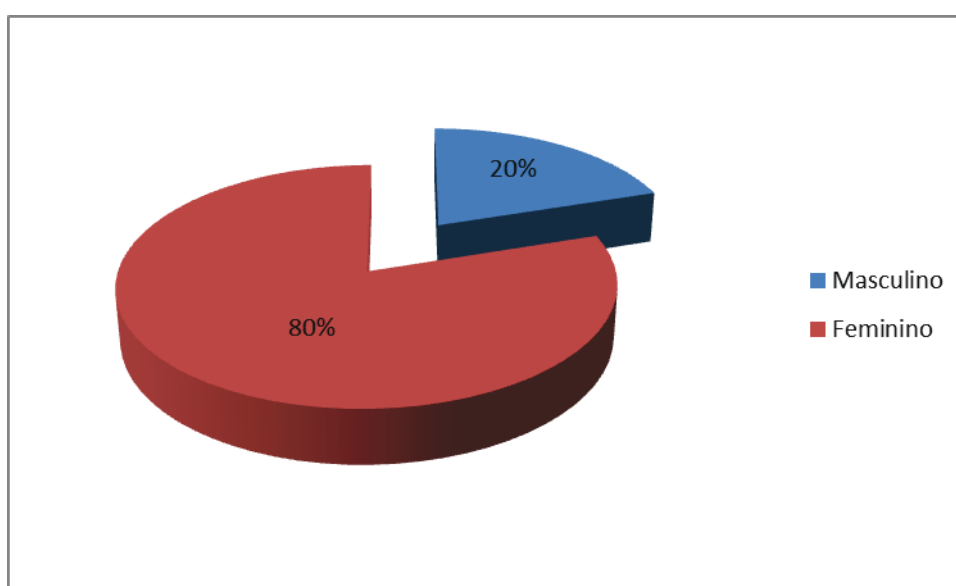


Figura 1. Distribuição dos participantes quanto ao gênero

Fonte: Pesquisa do autor, 2019.

Em determinadas áreas do conhecimento os profissionais que atuam em algumas delas, como enfermagem na área da saúde e professores na educação, o público feminino se supera em relação ao público masculino ao longo da história. Contudo, esse quadro vem sendo menos impactante, já que os homens também estão buscando atuar em profissões que, para alguns, tem características tipicamente femininas. Hoje já é possível encontrar uma gama significativa de pessoas do gênero masculino atuando em sala de aula em todas às disciplinas. Portanto, atuar na EJA e na disciplina de geografia não é algo inerente às mulheres, mas também aos homens, desde que faça dela sua escolha para exercer sua prática docente.

Em relação à formação acadêmica, todos os professores, 100%, que participaram do estudo possuem licenciatura em geografia, sendo que de todos, apenas dois não possuem pós graduação, enquanto que dois são especialista em psicopedagogia, um em psicopedagogia e educação especial e outro em educação interdisciplinar.

Está cada dia mais comum, apesar de ser uma condição indispensável ao processo de aprendizagem, pessoas licenciadas, graduadas, bachareladas, buscar enriquecer os seus currículos partindo para a continuidade de sua formação através das pós-graduações que vai da especialização até os pós-doutorados. A aprendizagem deve ser contínua para todos e, com os professores essa condição não é diferente, não é uma prerrogativa a ser escolhida ou não, mas sim, uma necessidade vital para o enriquecimento e aprimoramento dos conhecimentos e, conseqüentemente, a otimização da prática docente. Desta forma, a formação continuada é algo mais do que fundamental, é essencial, principalmente diante da competitividade mercadológica, pois só os melhores acabam sendo escolhidos ou acabam alcançando um espaço nos serviços públicos.

Concernente ao tempo de serviço, os participantes estão distribuídos da seguinte maneira:

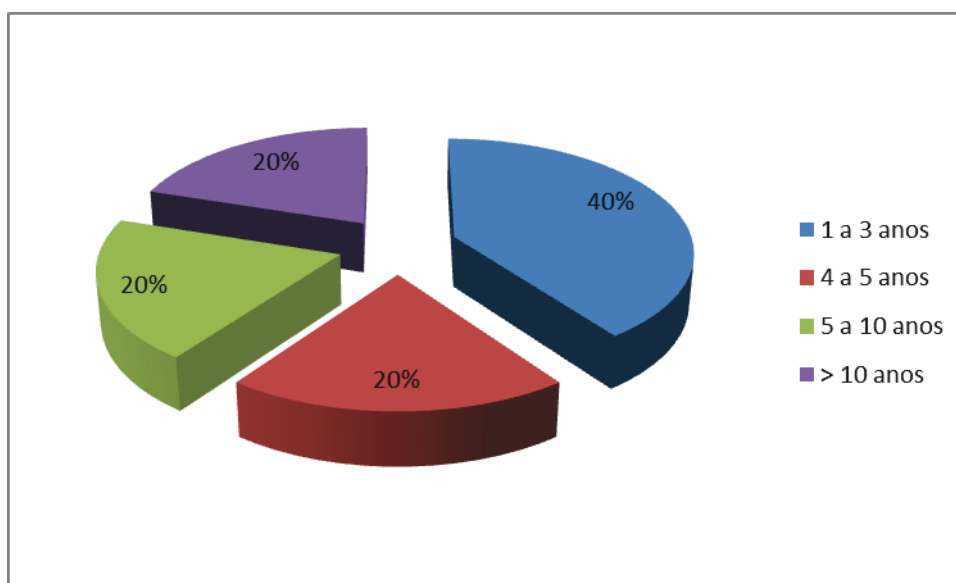


Figura 2. Distribuição dos participantes quanto ao tempo de atuação na EJA
Fonte: Pesquisa do autor, 2019.

Situando-se no que expressa a figura 2, percebe-se que 40% (n=2) dos participantes tem entre 1 e 3 anos de experiência na EJA. Nas demais situações, tem-se que 20% (n=2) tem de 4 a 5 anos; 20% (n=2) tem entre 5 a 10 anos e outros 20% (n=2) já tem acima dos 10 anos no exercício da docência na EJA.

É possível asseverar que as experiências adquiridas acontecem ano a ano. Contudo, quando mais tempo tiver no exercício de uma determinada profissão, mais experiências irão adquirir. Por isso, se levar em consideração o fato de que 60% dos participantes tem no máximo 05 anos de tempo de serviço é possível entender que estes ainda estão num processo de aprimoramento da prática, de descobertas em relação aos caminhos a serem trilhados nessa

jornada de trabalho. Por outro lado, aqueles que já contemplam acima dos 05 anos de idade e mais ainda aqueles que já alcançaram pelo menos 10 anos atuando no exercício de sua profissão detêm uma significativa experiência de vida em relação a sua prática docente. Portanto, menos da metade dos participantes já alcançaram um nível de experiências que possam lhe proporcionar mais conforto em relação a ministrar os conteúdos na EJA, pois já apresentam um conhecimento maior sobre as demandas desta modalidade de ensino, conhecendo melhor os caminhos que devem percorrer nesse processo de ensino e aprendizagem. Contudo, não se pode afirmar categoricamente que estes são superiores a quem não alcançou ainda estes números, pois a maneira como cada um se dá para as novas aprendizagens podem galgar mais sucesso em relação aos outros. Isto é, o domínio de turma, o domínio dos conteúdos, o domínio das metodologias, já que o processo de aprendizagem não acontece de forma linear, homogênea, pelo contrário, cada um tem sua forma de aprender, bem como de mediar à prática.

4.2 DADOS INERENTES AO OBJETO DO ESTUDO

A construção destes dados se deu a partir de questões abertas e fechadas, aonde buscou saber dos professores participantes algumas especificidades em relação ao uso de audiovisuais nas aulas de geografia na modalidade de ensino EJA. O instrumento de coleta foi munido de 12 (doze) questões, sendo 09 (nove) de cunho objetivo e 03 (três) subjetivo. Desta feita, iniciou-se este momento questionando aos professores qual a importância que veem dos recursos didáticos para o desenvolvimento dos componentes curriculares da EJA.

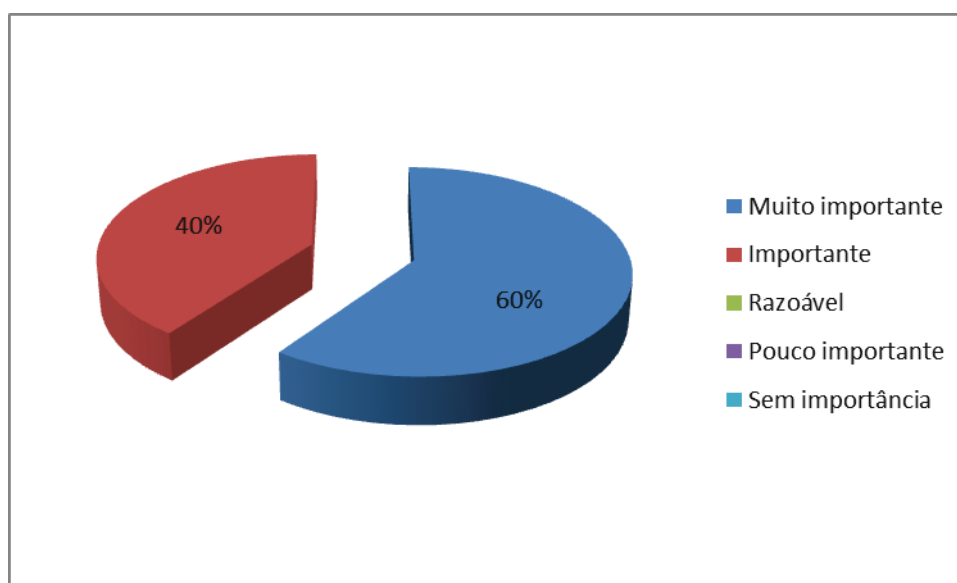


Figura 3. Distribuição dos participantes em relação a como veem os recursos audiovisuais na EJA

Fonte: Pesquisa do autor, 2019

Muito importante (60%) e importante (40%) foram às indicações citadas pelos professores no que concerne a visão dos mesmos para com os recursos audiovisuais aplicados em sala de aula na EJA.

Conforme Moran et al., (2010) os recursos tecnológicos, como os audiovisuais são de uma grande importância quando usados em sala de aula por possibilitar aos alunos uma aprendizagem a partir de informações que são passadas e os fazem ter um conhecimento de mundo, de outras culturas, do modo de ser de outros povos, bem como conhecer-se melhor. Além de que, estes mecanismos propiciam sedução e prazer no sentido de aprendizagens dinâmicas, lúdicas, diferenciadas, que despertam o gosto e estimulam o aluno a ter maior atenção perante o que está sendo mediado. Por meio destes recursos, o mundo é apresentado e visto de uma forma mais interativa, menos complexa.

A segunda questão procurou saber dos participantes com qual frequência utilizam recursos audiovisuais nas suas aulas.

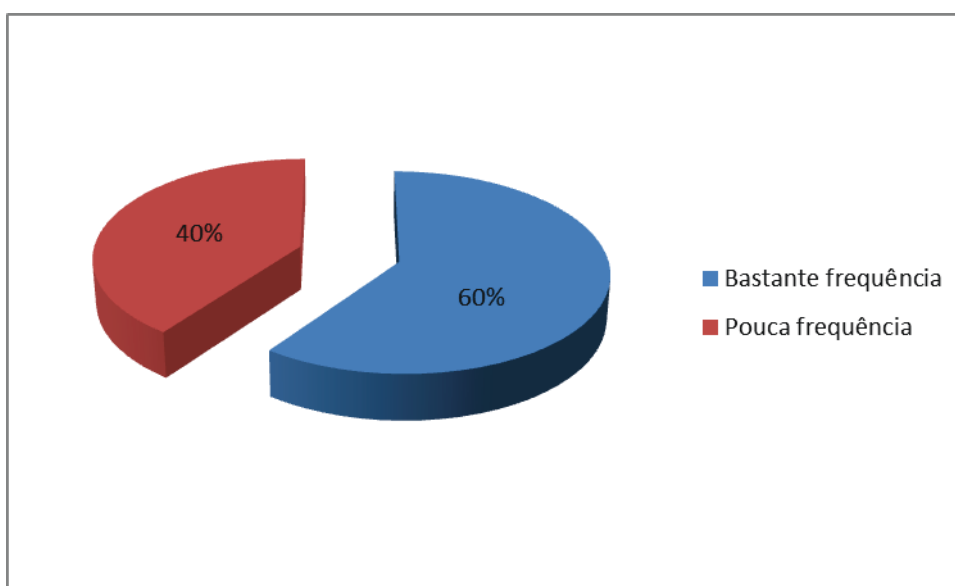


Figura 4. Distribuição dos participantes em relação à frequência com qual faz uso dos recursos audiovisuais nas aulas EJA

Fonte: Pesquisa do autor, 2019.

Com bastante frequência (60%) e pouca frequência (40%) foram às indicações dadas pelos professores em relação a fazer o uso dos recursos audiovisuais nas aulas da EJA. Contudo, não será a frequência que determinará o quão importante é a inserção dos recursos audiovisuais em sala de aula e, nem tão pouco medirá o nível de aprendizagem dos alunos. Desta feita, o que o professor precisa ter em mente é como fazer uso destes mecanismos, para que e o que se espera alcançar.

Portanto, a utilização não deve ser algo a substituir os outros métodos, os demais instrumentos didáticos, mas sim, se somar a estes para oferecer mais uma oportunidade de aprendizagem por parte do alunado e de ensino por parte dos professores.

Nesta perspectiva Almeida e Almeida (2016) afirmam que utilizar-se dos recursos tecnológicos, como mídias e audiovisuais não é algo que o professor possa refutar ou tornar esses mecanismos único instrumento a serem usados em sala de aula corriqueiramente, para mediar os conteúdos, deixando de lado outras formas outros recursos. Os professores devem sim fazer uso destas ferramentas em suas aulas, mas para isso, deve ter em mente que o objetivo será chamar a atenção do aluno, despertar nestes o desejo de descobrir novas informações, de aperfeiçoar as interações sociais, de enriquecer saberes e de facilitar a aprendizagem.

Muitos devem ser os cuidados que o professor precisa ter em relação a inserir os recursos audiovisuais em suas aulas. A escolha destes deve ser criteriosa, por isso, deve-se levar em consideração o momento, o conteúdo que vai ser trabalhado em sala, a disponibilidade do tempo, a facilidade de sua instalação e, não menos importante, ter certeza de que será capaz de manusear e quando não tiver, mas que possa contar com o apoio de outra pessoa – até mesmo do próprio aluno – para fazer o seu manuseio.

Outro fator importante a ser observado diz respeito ao fato de usar um recurso em sala de aula não significa que vai deixar o mesmo a mercê dos próprios alunos sem que haja uma supervisão, um acompanhamento por parte do professor, até porque é necessário dar sentido ao que esta sendo trabalho, para que não seja apenas uma forma de manter a turma comportada – o que pode ocorrer o contrário quando o professor não fica presente na sala de aula.

No terceiro quesito, os participantes responderam acerca de como usam os recursos audiovisuais em sala de aula. Para estes fins foram apresentadas 08 (oito) opções, podendo o participante escolher mais de uma. Por esta razão, a legenda que será descrita no gráfico 04 em vez de apresentar os termos específicos usados no questionário, foram substituídos pelo termo Opção + o número correspondente. Exemplo: Opção 01, Opção 02..., sendo que estes estão correspondentes as reais opções, como se lê abaixo:

Opção 1 - Passar um filme quando o professor está ausente

Opção 2 - Projetar o conteúdo que o professor passaria no quadro

Opção 3 - Passar um filme com a presença do professor

Opção 4 - Passar músicas

Opção 5 - Passar vídeos

Opção 6 - Mostrar imagens e fotos

Opção 7 - Fazer uma atividade interativa com uso da internet na sala ou no laboratório de informática

Opção 8 - Outros

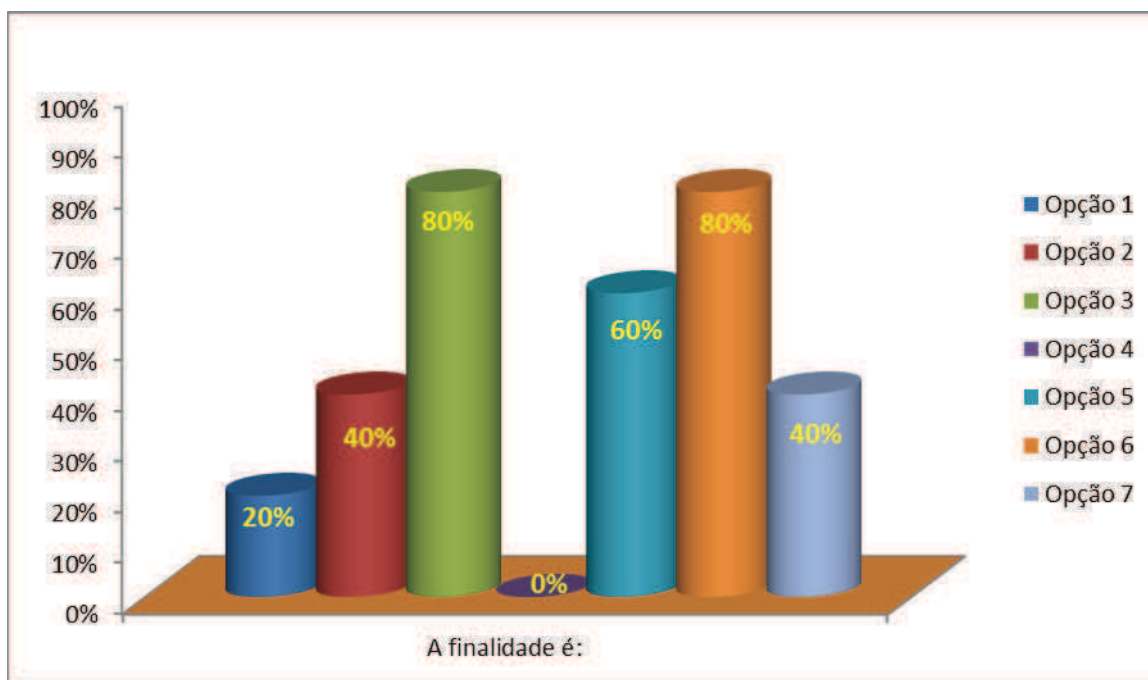


Figura 5. Distribuição dos participantes em relação à finalidade para qual utilizam-se dos recursos audiovisuais nas aulas da EJA

Fonte: Pesquisa do autor, 2019.

Conforme os dados expostos na figura 05, é possível observar que as opções passar um filme com a presença do professor (80%) e mostrar imagens e fotos (80%) foram indicadas com maior frequência pelos participantes do estudo. A opção passar vídeos foi indicada por 60%; passar um filme quando o professor está ausente e fazer uma atividade interativa com o uso da internet na sala de aula ou no laboratório de informática obtiveram 40%, cada uma, indicação por parte dos participantes do estudo. A opção passar música não recebeu nenhuma indicação.

No entendimento dos professores o uso dos audiovisuais tem como finalidade passar filmes, imagens, quando o professor está ausente e quando o professor está presente. Enfim, estas são finalidades que trazem com clareza a real essência destes recursos no processo de ensino e aprendizagem, na concepção dos professores.

O uso de recursos didáticos inovadores, como os audiovisuais tem como finalidade aprimorar e tornar mais dinâmico a forma de ensino e de aprender em razão destes explorarem imagens, sons, movimentos, músicas, situações cotidianas, próximas ou distantes, aproximar

distância, conhecer a cultura de outros povos, de civilizações mais antigas, dentre outras formas, que facilitará a aprendizagem dos alunos e melhorar a comunicação e compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula.

De acordo com os PCN's (2000,p.11-12)

As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (...) Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos.

São as variações didático-metodológicas que possibilitam ao professor melhorar as suas aulas, tornado-as lúdicas, dinâmicas e prazerosas. Desta feita, o professor precisa aderir a essas inovações, aceitá-las, aprender a manuseá-las e, acima de tudo, correlaciona-las com o que está ministrando, oportunizando aos alunos que também possam se utilizar destes mecanismos para a construção de suas próprias concepções sobre mundo, espaço, território, enfim, tudo o que estiver ao seu entorno, isso não somente na área de geografia, mas em todas as demais áreas do conhecimento.

A importância de ter toda esta clareza em relação a finalidade dos recursos em sala de aula se dá pelo fato de que é preciso encontrar o sentido para sua utilização, para o seu uso enquanto parte do contexto educacional já que seu principal objetivo é facilitar a aprendizagem e não ser usado como mero instrumento de entretenimento e de lazer.

Diante disto, os professores devem saber dar sentido a utilização dos recursos didáticos em suas aulas. Estes não podem ser usados apenas para passar filmes, músicas, imagens, sons outras situações, mas sim, para aliar todas estas situações aos conteúdos, fazendo-se relação com as vivências dos alunos, com as experiências por estes adquiridas ao longo da vida (no caso dos alunos da EJA). No caso da geografia, imagens da terra, dos planetas, da atmosfera, dos vulcões em erupção, das catástrofes naturais, das destruições pelo homem, questões econômicas, políticas, culturais, modas, rotinas, enfim, tudo o que acontece em tempo real e que já ocorreu num curto ou longo período, podem ser significativamente bem representadas quando se utiliza os recursos audiovisuais, pois os alunos irão aprender partindo do concreto e não do abstrato.

Assim sendo, em relação ao quarto quesito, os participantes responderam quanto ao que esperam alcançar quando fazem o uso dos recursos audiovisuais em suas aulas.

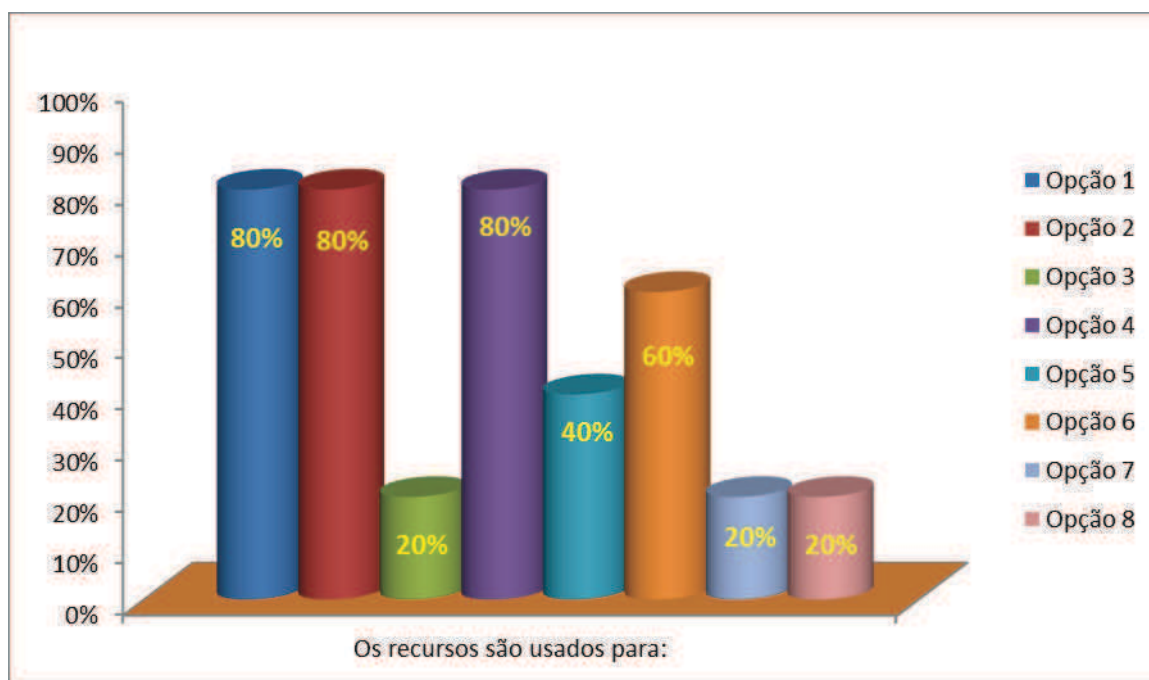


Figura 6. Distribuição dos participantes em relação ao que esperam alcançar quando faz uso dos recursos audiovisuais nas aulas da EJA

Fonte: Pesquisa do autor, 2019.

Pelo exposto na figura 6, os participantes do estudo apontaram o que esperam quando usam os recursos audiovisuais em sala de aula. As indicações que prevaleceram entre os participantes foram três: opção 01 – ilustrar aquilo que o professor está explicando (80%); opção 02 – mostrar outras realidades diferentes da sua (80%) e opção 04 – iniciar uma discussão ou debate. A opção que veio em seguida foi a 06 – simular algumas experiências (das áreas de ciências naturais), indicada por 60% dos participantes. Já a opção 05 – propor uma reflexão sobre determinado assunto, foi apontada por 40%. A opção 03 – introduzir o tema da aula; opção 07 – passar o conteúdo da aula e opção 08 – mostrar o trabalho realizado pelos alunos (produção de vídeos, apresentação de slides, músicas, etc), foram apontadas por 20% (cada uma) dos participantes.

Observa-se, portanto, que os professores demonstram ter compreensão do que podem fazer utilizando-se de recursos audiovisuais em sala de aula. Assim, considerando a importância dos recursos audiovisuais para a aprendizagem do educando, os recursos como TV, Videocassete, retroprojetor, som, gravador e outros da nova geração como os tablets, os Datashow, computador, celulares, tornam a comunicação presente na vida cultural de jovens e adultos, clara e precisa, sendo necessário, assim como em outras modalidades de ensino, que

esses subsidiem pedagogicamente a prática docente, e conseqüentemente influenciem na aprendizagem de alunos da de Educação de Jovens e Adultos.

E preciso tecer uma olhar sob o aluno da EJA diferenciado – não de pena, como se não tivessem a capacidade de aprender, como se fossem desprovidos de conhecimentos - mas como cidadão que foi excluído de seus direitos sociais, em especial de uma educação de qualidade no tempo certo, e para resgatá-los voltam aos bancos escolares numa tentativa mínima de aprender a ler e a escrever e mais algumas noções básicas das demais disciplinas como matemática, história, ciências, geografia, etc. (CLAVAL, 2011).

Assim sendo, a adoção de metodologias também diferenciadas, voltadas para a diversidade, para a valorização dos conhecimentos prévios do aluno e adequando sua verbalização junto aos recursos audiovisuais tecnológicos, ante a um currículo reduzido na escolarização da EJA é de extrema importância.

Portanto, a incorporação de diferentes tecnologias (computador / internet, TV, videocassete, DVD, etc.) existentes na escola favorece a prática pedagógica e a outras atividades escolares, a fim de trazer contribuições significativas ao processo ensino – aprendizagem (ALVES, 2012).

O quesito quinto buscou saber junto aos participantes do estudo quanto às considerações que tem em relação ao uso dos recursos audiovisuais na EJA, no que diz respeito à significação para o processo de aprendizagem.

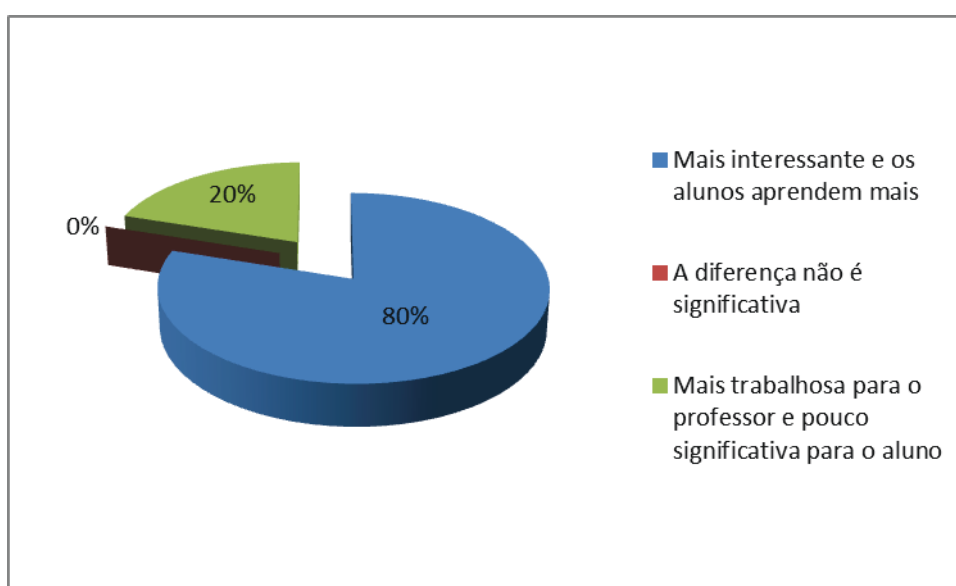


Figura 7. Distribuição dos participantes em relação ao que consideram à respeito do uso dos recursos audiovisuais nas aulas da EJA

Fonte: Pesquisa do autor, 2019.

Os dados apresentados na figura 07 demonstram que 80% dos participantes do estudo consideram o uso dos recursos audiovisuais como sendo interessantes e contribuem para que os alunos aprendam mais. Já 20% entende que estes são trabalhosos para o professor e nada significativos para os alunos.

Pensar em fazer uso de qualquer instrumento didático sem que este não exija certa determinação por parte de quem o usará é colocar-se diante da manutenção de práticas pedagógicas tradicionais, dando por satisfeito, mesmo sabendo que não está se conseguindo alcançar um nível de atenção minimamente satisfatória do aluno ou o mínimo necessário para que este possa aprender.

Discutir sobre a importância do uso das tecnologias em sala de aula e que estas surgem como a missão de facilitar a forma como o professor desenvolve suas aulas, dentro ou fora do espaço escolar, não significa dizer que há uma unanimidade entre as pessoas sobre essa questão, principalmente no âmbito educacional, pois ainda se observa que alguns professores se mostram relutantes, resistentes a essa inserção. Essa rejeição muitas vezes se dá devido à falta de conhecimento, por parte desses, sobre a forma como utilizá-las para adquirir praticidade no processo de ensino e aprendizagem (LIMA et al., 2017)

O quesito sexto, os professores se posicionaram em relação dispor ou não de recursos audiovisuais.

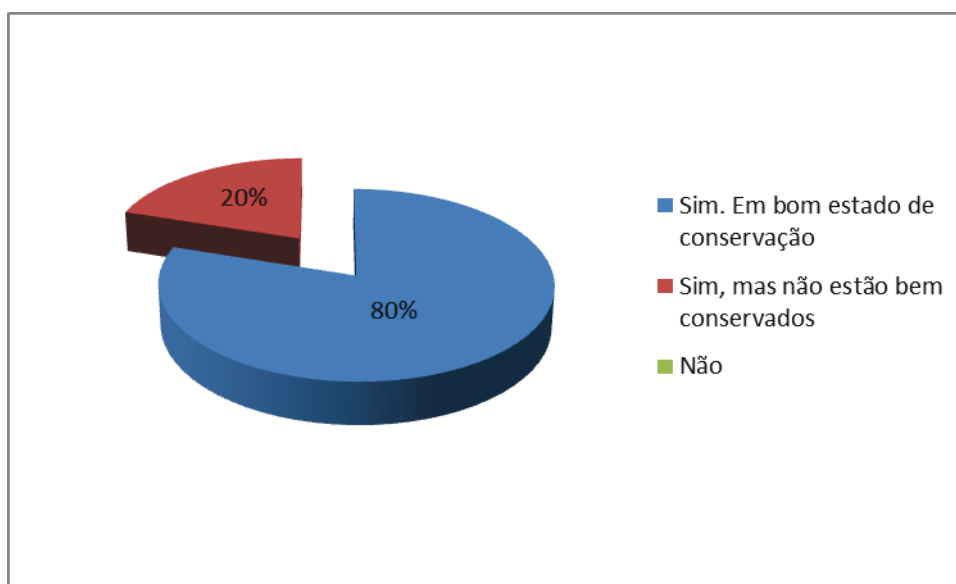


Figura 8. Distribuição dos participantes em relação a se na escola a disponibilidade de recursos e se estes encontram em bom estado de conservação ou não

Fonte: Pesquisa do autor, 2019.

A figura 8 mostra que, segundo a maioria dos professores que participaram do estudo (80%) discordam que as escola aonde lecionam possuem recursos audiovisuais e que estes

estão em bom estado de conservação. Apenas 20% disseram possuir, mas o estado de conservação não é satisfatório.

Conforme Viana (2014) em muitas escolas brasileiras, principalmente as das redes municipais de ensino, os recursos estão disponíveis, porém, em virtude dos espaços não serem adequados acabam não permitindo a utilização dos recursos didáticos tecnológicos e com isso os mesmos acabam amontoados em quartos sucateando com o passar do tempo. Por outro lado, o autor enfatiza que as escolas, as quais conseguem possibilitarem que os recursos sejam utilizados tem assumindo a ponta dessa corrida pela melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, não basta que a escola possua os recursos, é importante que estes possam ser usados; que espaços sejam adequados, melhorados para estes fins. O ambiente acolhedor, com boa iluminação, ventilado tornará ainda mais dinâmico o trabalho docente e a aprendizagem do aluno quando se alia a estes os recursos tecnológicos.

A disponibilidade de recursos audiovisuais ou qualquer outro recurso didático é fundamental. Mas ainda mais imprescindível é que estes recursos sejam disponibilizados numa quantidade adequada, evitando assim que os professores tenham que fazer uso desde somente quando o outro professor não estiver usando e, ainda é preciso que esteja em pleno funcionamento.

Sob esta ótica, o sétimo quesito tratou exatamente desta questão junto aos professores que participaram do estudo, buscando saber se os recursos audiovisuais da escola estão disponíveis, na quantidade e em funcionamento, quando precisam utilizá-los. Todos os participantes, 100%, responderam que sim.

A utilização dos recursos audiovisuais, em especial, não deve satisfazer apenas as necessidades e perspectivas dos professores ou apenas como um instrumento que irá se apropriar para ministrar os conteúdos ou ainda para manter a turma quieta. É preciso que os alunos também possam tirar proveito destes em sala de aula, por isso, o uso destes instrumentos didáticos deve perpassar o gosto do professor, deve alcançar o gosto dos alunos, até porque as aulas são ministradas para estas demandas (SILVA et al., 2012). Assim, não haveria sentido algum se os alunos não estivessem satisfeitos com a utilização destes equipamentos nas aulas.

Neste contexto, foi questionado aos professores, no oitavo quesito, como a turma considerada o uso dos recursos audiovisuais pelo professor em sala de aula. A este questionamento também houve unanimidade dos participantes em responderem que a turma considera que é bom o uso pelo professor esta ferramenta em sala.

Mas do que um instrumento de mediação do conhecimento, os recursos didáticos, no caso aqui em estudo, os audiovisuais, devem ter sua relevância na construção de aprendizagens por parte do aluno. Estes recursos devem, portanto, serem utilizados como ferramenta capaz de auxiliar, de somar aos demais recursos para fortalecer, dinamizar, melhorar e facilitar a maneira como os alunos aprendem os conteúdos ministrados em sala de aula.

Desta feita, o quesito nono vislumbrou saber a opinião dos professores sujeitos do estudo se os mesmos acreditam que os recursos audiovisuais usados em sala de aula são bem aproveitados para a aprendizagem dos alunos. A esse questionamento, todos foram unânimes (100%) em afirmar que sim, estes recursos tem um bom nível de aproveitamento.

Até este momento, os participantes responderam questão que lhes oportunizaram múltiplas escolhas, agora será o momento em que as três últimas questões (10, 11 e 13) são descritivas. Desta forma, para melhor sistematizar as respostas, as mesmas serão transcritas e os professores identificados pelas letras PG + o numeral de 1 a 5, exemplo, PG₁. Sendo assim, a décima questão procurou saber a opinião dos participantes no tocante ao para quê os professores fazem uso dos recursos audiovisuais em sala de aula.

“Os recursos audiovisuais tornam as aulas mais atrativas” (PG₁)

“Depende do conteúdo a ser ministrado e da sua importância para o entendimento do aluno” (PG₂)

“Usam como um auxílio didático, pois favorece outros caminhos para a construção do conhecimento” (PG₃)

“Para uma melhor explicação dos conteúdos e entendimento do aluno” (PG₄)

“Os recursos audiovisuais são utilizados para melhorar a explicação do conteúdo em sala de aula, pelo professor” (PG₅).

Quando se fala em recursos audiovisuais não restam dúvidas de quais recursos está a se reportar. Trata-se de ferramentas através das quais os alunos podem ter acesso do ver e do escutar, simultaneamente ou não. É justamente o professor que deverá fazer a seleção destes e ver qual a melhor forma de utilizá-los em sala de aula. A este respeito, indagou-se aos professores, na questão décima primeira, quais os recursos didáticos que utilizam em sala de aula. As respostas foram as seguintes:

“Livros, atividades xerocopiadas, datashow, televisão” (PG₁)

“Vídeos, imagens, xilografuras, músicas, etc.” (PG₃)

“Livros, filmes, slides, vídeos e figuras” (PG₄)

“Livros, vídeos, filmes” (PG₅)

Ao longo desta produção científica se falou na utilização de recursos audiovisuais e tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, da sua importância para a prática docente e para aprendizagem do aluno. Outros pontos também foram levantados, dentre os quais a resistência que alguns professores apresentam em relação a esta condição. Fazer uso de recursos audiovisuais, digitais e tecnológicos, vai exigir dos professores que estes estejam aptos para esses fins, ou seja, o professor precisa se capacitar para aprender a como manusear estes instrumentos, pois para alguns é de uma grande simplicidade, já para outros não, apresentam dificuldades. Contudo, às dificuldades que se fazem presentes nesse processo não são inerentes apenas a falta de capacidade, mas também existem outros fatores. E, sabendo-se disso é que a décima questão procurou saber quais as dificuldades que os professores apontam para não utilizar os recursos audiovisuais em suas aulas. A este respeito, os professores fizeram as seguintes ponderações:

“É importante o uso de diversos tipos de materiais, mas nem sempre é possível, muitas vezes por problemas de manutenção” (PG₁)

“O tempo de instalação dos aparelhos. Sempre perdendo alguns minutos significativos para o desenvolvimento da aula” (PG₃)

“Às vezes não é possível utilizar por fatores administrativos” (PG₄)

“Desatenção dos alunos. Não há interação” (PG₅)

Silva (2014) observa que a dimensão tecnológica instiga a refletir sobre o uso das tecnologias disponíveis à comunidade educacional, em que os alunos nascidos na era digital, apropriam-se mais facilmente dessas informações e transitam nas redes sociais, aprendendo de forma mais prazerosa. Tal fato é um desafio para os professores que precisam utilizar diferentes mídias, e propor um ambiente mais instigador, criativo e direcionado ao perfil dos alunos que estão na sala de aula atualmente.

Moran (2010) considera que cada professor deve encontrar sua forma mais adequada de integrar as diferentes tecnologias e os diversos procedimentos metodológicos. É importante também que ele amplie, aprenda e domine as formas de comunicação interpessoal/grupal e as

de comunicação audiovisual/telemáticas. O professor se depara hoje com um universo tecnológico e precisa buscar formas de lidar com essa nova realidade em sala de aula. E atualmente, isso tem se tornado um desafio para muitos professores. Como o docente é visto como o mediador do processo ensino e aprendizagem, ele deve buscar meios que motivem mais os seus alunos a aprenderem por meio de novas metodologias e orientá-los para que as informações advindas desse momento tecnológico se tornem significativas; e, ainda, ajudar os mesmos na construção do conhecimento.

Segundo Costa (2014) surge outro desafio no uso dos recursos tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem, que é a falta de formação de professores na área, fazendo com que muitos profissionais se tornem resistentes ao uso e incorporação de novas tecnologias na sala de aula e deixem de utilizá-las por falta de formação. Desafio este que deve ser enfrentado pelo professor, bem como o de refletir e repensar sua prática pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, entende-se que o uso das tecnologias está tão inserido no hábito das pessoas quanto na cultura, que não se consegue imaginar uma vida sem os recursos e confortos possibilitados por elas no cotidiano, mesmo em tarefas de menor complexidade; os recursos tecnológicos estão presentes na vida e nas ações realizadas pelas pessoas conforme: o estudo, a realização de atividades domésticas e o trabalho.

Dessa forma, vislumbra-se uma revolução essencialmente da comunicação com interação entre as pessoas, pois através dela, pode-se cada vez mais, desenvolver atividades complexas com maior facilidade. Considera-se um dos aspectos que merece atenção é quanto ao uso dos recursos audiovisuais na gestão da sala de aula e concomitantemente para a melhoria da qualidade do ensino oferecido aos alunos, de modo que sejam capazes de construir novos saberes a partir do que podem escutar e visualizar concretamente.

Como visto na literatura, o conjunto entre ler, escrever simultaneamente, ver e ouvir, de forma independente ou concomitantemente, faz parte da construção da aprendizagem dos educandos, porém com a utilização de métodos audiovisuais/ver e ouvir, segundo apontaram os estudos, facilita o desenvolvimento do raciocínio diante dos conteúdos trabalhados nas aulas. Hoje, a invasão destes recursos audiovisuais, que evoluem cada vez mais céleres, tem alcançado patamares importantes, mas que ainda, não tem tido a aceitação de todos os que estão envolvidos nesse processo educacional.

Diante de tantos recursos alocados na escola, torna-se imprescindível que os professores quanto os alunos sejam instruídos acerca de sua importância, tanto no sentido de utilizar os mesmos, quanto de saber manusear, pois eles são úteis não apenas no processo de ensino, mas, em situações da vida prática dos envolvidos.

Neste contexto, se o professor cria uma apresentação para expor num dos recursos audiovisuais selecionados com seus alunos, ele diretamente está lhes ensinando possibilidades que poderão utilizar na vida prática, que diz respeito a selecionar o vídeo, recortar, modificar o formato, converter. Assim, numa atividade simples se consegue dar ao aluno informações que correspondem ao que se chama de currículo oculto, ou seja, aquele que não está diretamente relacionado ao processo de ensino.

A gestão de sala de aula deve viabilizar o uso consciente e eficaz dos recursos disponíveis dentro das possibilidades e limites que existem dentro da escola. Com todas as limitações existentes, cabe ao professor, fazer com que tenha uma visão mínima de como as

novas tecnologias poderão ser utilizadas para facilitar o processo de ensino e de absorção de novos conceitos.

O estudo feito nos proporcionou um melhor entendimento da utilização desses recursos em sala de aula. É necessário saber elaborar, escolher o momento propício e saber discutir sobre o assunto apresentado com o recurso. É um método não muito complexo, mas que exige interesse, criatividade e tempo. Porém, os resultados são satisfatórios, pois promove uma harmonia no ambiente escolar, e significativo processo de aprendizagem. Através do questionário podemos perceber que a expectativa do docente, ao entrar numa sala de aula, é levar o aluno a apropriação daquele conhecimento.

Desta forma concluímos que, é possível ensinar geografia na EJA tornando estes conhecimentos mais interessantes para os alunos. Por exemplo, analisando o uso de recursos audiovisuais na prática pedagógica do ensino, identificar as potencialidades desses recursos no contexto educativo, incentivar os docentes em relação à utilização dessas ferramentas e promover aulas associadas ao cotidiano do aluno que possuam contextualização através do recurso audiovisual.

Os recursos audiovisuais são um grande aliado do professor no processo ensino-aprendizagem. O professor contemporâneo deve inovar suas aulas para conseguir domínio de sala de aula, deve ser um bom profissional e deve ganhar a confiança de seus alunos. O professor precisa despertar em seus alunos o interesse em aprender, e para isso, ele precisa se atualizar das novas tecnologias e se reciclar quanto ao uso das mesmas.

REFERÊNCIAS

- ALBRING, L. O ensino da geografia na educação de jovens e adultos: por uma prática diferenciada e interdisciplinar. **CEREJA – Centro de Referências em Educação de Jovens e Adultos**. Biblioteca. 2016. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/site/_shared/Files/_cer_old/anx/loraine_albring_ensino_geografia.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019. Essa é data do acesso e não da publicação do documento
- ALMEIDA, M. E. B.; ALMEIDA, F. J. de. **Uma zona de conflitos e muitos interesses**. TV e Informática na Educação. Salto para o Futuro. MEC, Brasília, p. 49-54, 2015.
- ALMEIDA, M. E. B. **Da atuação à formação de professores**. TV e Informática na Educação. Salto para o Futuro. MEC, Brasília, p. 65-72, 1998.
- ALVES, L. R. G. **Novas Tecnologias: instrumento, ferramenta ou elementos estruturantes de um novo pensar?** In: NASCIMENTO, G. G. (Org.). II Turma Curso de Especialização em Educação e Novas Tecnologias de Comunicação e Informação. Salvador: UNEB/DE – Campus I/NETI, 2012. pp. 28-35.
- ANTUNES, C. **Geografia para a Educação de Jovens e Adultos**- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BEZERRA, M. A. de S.; GOMES, E. J.; SILVA, C. T. N. da.; SANTOS, I. D. da S. O Ensino de Geografia na Educação para Jovens e Adultos (EJA): A Perspectiva dos Estudantes de Três Escolas Municipais do Oeste Baiano. **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**. 2011. Disponível: <http://www.cepud.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/geografia/co/204-446-1-SM.pdf>. Acesso em 13 set. 2019.
- BORGES NETO, F. **A Geografia Escolar do Aluno EJA: caminhos para uma prática de ensino**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia – MG. INSTITUTO DE GEOGRAFIA 2014.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Resolução CNS no 510, de 07 de abril de 2016**, nos termos do Decreto de Delegação de Competência de 12 de novembro de 1991. MS, 2016
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 2000. p. 156.
- BRENNAND, E. G. G.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. **Formação docente e tecnologias digitais**. João pessoa: UFPB, 2011.
- CLAVAL, P. C. C. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 3, p 005-024, set./dez. 2011.
- COSTA, S. M. **A influência dos recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem**. 2014. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares)- Universidade Estadual da Paraíba, Sousa, 2014.

CUNHA, D. do E. S. L.; CARVALHO, M. da G.. Formação do Professor de Educação de Jovens e Adultos: Por uma prática Pedagógica Reflexiva. **Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos: Educação e Aprendizagem ao longo da vida**, 1, 2010. João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB/UFPE/UFRN, 2010.

FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. CidadeFutura: Florianópolis, 2006. 264 p.

FERREIRA, E. C. **O Uso dos Audiovisuais como Recurso Didático**. Porto: U.PORTO, 2016. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/5048401-O-uso-dos-audiovisuais-como-recurso-didactico.html>>. Acesso em: 16 set. 2019.

FERREIRA, S. M. M. **Os recursos didáticos no processo ensino-aprendizagem**. Cabo Verde, (editora) 2015.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2ª Ed., Porto Alegre. Artes Médicas, 2011.

FONSECA, R. L; COSTA, M. A. H; MANSANO, C.N. **Geografia e recurso audiovisual: o som e a imagem no processo de ensino/aprendizagem**. Artigo Online, 2017.

FURINI, D. R. M.; DURAND, O. C. da S.; SANTOS, P. dos. Sujeitos da educação de jovens e adultos, espaços e múltiplos saberes. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de jovens e adultos e educação na diversidade**. Florianópolis: NUP (Núcleo de Publicações do CED), 2011. Cap. 3. p. 158-245.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (org.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2011. – (Guia da Escola Cidadã; v. 5).

GUERRA, M. J.; SILVA, M. I. M. S. Os Impactos da Escolarização Tardia na EJA: Um Desafio a Ser Vencido na Vida de Adultos das Camadas Populares. **REALIZE eventos científicos e editora** – CINTEDI. 2014. Disponível:http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_11_2014_19_14_14_idinscrito_3728_1effbf5eeee551027e2e637c4d3162fc.pdf. Acesso em 17 jul. 2019.

HADDAD, S. **Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos - EJA**. São Paulo, Global, 2012.

LAFFIN, M. H. L. F. A constituição da docência na educação de jovens e adultos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 210-228, Jan/Abr 2012.

LIMA, L. G. R. de; HAGUENAUER, C. J.; LIMA, A. J. R. de. **Ferramentas e-mail, chat e fórum: a percepção do professor**. Rio de Janeiro, 2017. 10 p. Disponível em: Acesso: 19 out. 2019.

MACHADO, V. C.; MATTOS, M. de. Ensino de geografia na educação de jovens e adultos. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (orgs). **Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2013**. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em: <<http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/ARTIGO-Vanessa-e-Mayra.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, p.6, 2008.

MELLO, P. E. D. de. Materiais Didáticos para a Educação de Jovens e Adultos: história, formas e conteúdo. **Tese** (Doutorado). Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2010. Disponível em:<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde26012011142038/publico/PAULO_EDUARDO_DIAS_DE_MELLO.pdf> Acesso: 22 ago. 2019, 16:08:31.

MORAN, J. M. **A integração das tecnologias na educação**. A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5 ed. Campinas. Papirus, p. 89-90, 2012.

MORAN, J. M. **A integração das tecnologias na educação**. A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5 ed. Campinas. Papirus, p. 89-90, 2010.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas. Papirus, 2003.

MOREIRA, T. A. Geografia Audiovisual: para além da geografia do cinema. **GeoTextos**, vol. 7, n. 2, dez. 2011

OLIVEIRA, H. J. C. **Os meios audiovisuais na escola portuguesa**. Universidade do Minho, Instituto de Ciências da Educação, Braga, 2013.

PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 2016.

SAMPAIO, M. N.; ALMEIDA, R. S. **Práticas de educação de jovens e adultos: complexidades, desafios e propostas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Caderno de orientações didáticas para EJA - Geografia: etapas complementar e final – São Paulo : SME / DOT, 2010. 107p. Disponível em: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/publicacoes/orienta_o_portal.pdf>SP). > Acessado em 16 jul. 2019.**

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos**. 3 ed. São Paulo: Autores Associados, 2010.

SEVERINO A J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, W. Pereira. **O uso das novas tecnologias como recurso didático no ensino da geografia**. VI Congresso Norte Mineiro de Pesquisa em Educação, 2014.

SILVA, M. A. S. et al. Utilização de Recursos Didáticos no processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais em turmas de 8º e 9º anos de uma Escola Pública de Teresina no Piauí. In: **CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 7, Palmas, 2012 Anais do VII CONNEPI**. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/3849/2734>>. Acesso em: 22 out. 2019.

SOARES, L; GIOVANETTI; M. GOMES, N. L. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Autêntica, 2015.

SOARES, Leôncio José Gomes. **A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais**. Revista Presença Pedagógica, v.2, nº11, Dimensão, set/out. 2010.

SZARAZGAT, Mauricio. **O uso dos recursos paradidáticos no ensino de Geografia e sua relação com a experiência no estágio obrigatório**. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2013. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em <<http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/Artigo-Maur%C3%ADcio1.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.

VIANA, M. A. P. Internet na Educação: Novas formas de aprender, necessidades e competências no fazer pedagógico. In: MERCADO, L. P. L. (Org.) **Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação**. Maceió: EDUFAL, 2014. 228p.

APÊNDICES

APÊNDICE A
Questionário

Idade:

Sexo:

Formação

Tempo de serviço na EJA

Sobre os recursos audiovisuais

01. Na sua concepção qual a importância dos recursos didáticos para o desenvolvimento dos componentes curriculares da EJA?
- Muito importante
 - Importante
 - Razoável
 - Pouco importante
 - Sem importância
02. Com qual frequência utiliza recursos audiovisuais nas suas aulas?
- Bastante Frequência – sempre estou usando
 - Pouca frequência – quase não utilizo
03. **Como os recursos audiovisuais são usados em sala de aula:** (pode escolher mais de uma opção)
- passar um filme quando o professor está ausente
 - projetar o conteúdo que o professor passaria no quadro
 - passar um filme com a presença do professor
 - passar músicas
 - passar vídeos
 - mostrar imagens e fotos
 - fazer uma atividade interativa com uso da internet na sala ou no laboratório de informática
 - Outros _____
04. **Os recursos audiovisuais são usados para:** (pode escolher mais de uma opção)
- ilustrar aquilo que o professor está explicando
 - mostrar outras realidades diferentes da sua
 - introduzir o tema da aula
 - iniciar uma discussão ou debate
 - propor uma reflexão sobre determinado assunto
 - simular alguma experiência (das áreas de ciências naturais)
 - passar o conteúdo da aula
 - mostrar o trabalho realizado pelos alunos (produção de vídeos, apresentação de slides, músicas, etc.)

05. Você considera que os recursos audiovisuais tornam as aulas de geografia na EJA:
- Mais interessantes e os alunos aprendem mais;
 - A diferença não é significativa;
 - Mais trabalhosa para o professor e pouco significativa para o aluno
06. Sua escola dispõe de recursos audiovisuais? Quais o estado de conservação
- Sim. Em bom estado de conservação
 - Sim. Mas não estão em bom estado de conservação
 - Não
07. Os recursos audiovisuais da escola estão disponíveis, na quantidade e funcionamento, quando você precisa?
- Sim
 - Não
08. A sua turma considera o uso dos recursos áudio visuais pelos professores:
- péssimo
 - ruim
 - bom
 - ótimo.
09. Você acha que os recursos audiovisuais são bem aproveitados em sala de aula para a aprendizagem dos alunos?
- Sim
 - Não
10. Na sua opinião, como e para que os professores usam os recursos audiovisuais em sala?
11. Quais os recursos didáticos que você utiliza no desenvolvimento das suas aulas?
12. Quais as dificuldades você aponta para o não uso dos recursos didáticos?